

OBRAS DE JOÃO PENHA

EDIÇÃO CRÍTICA E ESTUDO

ELSA PEREIRA

VOL. III
TOMO I – TEXTO CRÍTICO



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FICHA TÉCNICA

Título: Obras de João Penha. Edição crítica e estudo
Vol. III – Tomo I – Texto crítico

Autora: Elsa Pereira

Prefácio: Francisco Topa

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

Design gráfico: Helena Lobo www.hldesign.pt

ISBN: 978-989-8351-43-2

Depósito Legal: 403122/15

Paginação, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. www.sersilito.pt

Porto

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais da FCT– Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/HIS/04059/2013 e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI-01-0145-FEDER-007460).

Contou ainda com o apoio de uma Bolsa de Investigação da FCT (referência SFRH/BD/41413/2007), financiada pelo POPH – QREN – Tipologia 4.1. – Formação Avançada, comparticipada pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Educação e Ciência.

A autora é bolseira de Pós-doutoramento da FCT (SFRH/BPD/92155/2013), investigadora do CLUL e colaboradora do CITCEM, que acolheu e apoiou este projeto.

SUMÁRIO

TEXTO CRÍTICO

I – Versos

1. Éditos

1.2. Publicações esparsas

531. Folhetim

I – Musa, a quem me prendi nos magicos enleios	21
II – Na fronte acanhada, sem rugas, luzente,	25
III – Era uma noite de junho	29
IV – E dando fim á cantiga	36
V – A mulher!... tremendo esphinge!	39
VI – Aquelles grandes passeios	43
VII – Mas depois quando o Chaga se viu só	47
VIII – Foi um viver semsabor	50
IX – Á porta da sua amada,	54

532. S. L.	56
------------	----

533. Mulher! eu vou partir a largos passos	57
--	----

534. Quanto sou desgraçado! Na campina	58
--	----

535. Nupcias	59
--------------	----

536. Consagração	60
------------------	----

537. A um poeta anonimo	61
-------------------------	----

538. A um poeta que se sangrou	62
--------------------------------	----

539. N'uma confeitaria	63
------------------------	----

540. Tout passe	64
-----------------	----

541. Na vareta d'um leque	65
---------------------------	----

542. O canto do cysne	66
-----------------------	----

543. A receita	67
544. Conselho amigavel	68
545. Egoismo disfarçado	69
546. Ouro é...	70
547. Petição de um ladrão a um rei, seu vizinho	71
548. O que ha de ser o seculo futuro?	73
549. Garrett	74
550. Um bibliophilo	75
551. Em prosa	76
552. Amor divino	77
553. Lambaça	78
2. Inéditos e privados	
554. Des sages conseils à Mr. J. Machado	83
555. Brinde particular	84
556. Estrophe	85
557. Santo Antonio	86
558. Confidencias	87
559. Ao toucador	88
560. Entre amigos	89
561. Para namôro	90
562. Grave	91
563. Lausperenne	92
564. O Infante D. Henrique	93
565. Madrigal	94
566. Epithaphio	95
567. A fada	96
568. O adeus	98
569. Comedia acta est	99
570. Orlando furioso	100
571. Cahida do pedestal	101
572. Trovas	102
573. Madrigal	103
574. Duplo madrigal	104

O bardo	104
O critico	105
575. Versos a Zulmira	106
576. Encyclica	107
577. Os dous lirios	108
578. Zi a Zú	109
579. Num postal	110
580. Linda, honesta e vaidosa	111
581. Boas festas a D. Nathalia de Mello	112
582. Envoi de boas festas	113
583. A Zuzú	114
584. O meu sol	115
585. Alecrim do Norte e Lilaz da Persia	116
586. A Zulmira	117
587. Nathalia	118
588. Á Nathalia	119
589. N'um postal	120
590. Souvenir	121
591. No leque de	122
592. Prière	123
593. Envoi	124
594. Carnivoro	125
595. Ao Japão	126
596. Flirté	127
597. E elle a entrar...	128
598. N'outro postal	129
599. Á Augusta	130
600. Celestina	131
601. Madrigal	132
602. Madrigal	133
603. Madrigal	134
604. Jura	135
605. Madrigal	136

606. A Augusta	137
607. Queixa	138
608. Envoi	139
609. Contricção	140
610. Quatorze contra um!	141
611. Criticas	142
612. A Amilcar	143
613. La Pauvreté	144
614. Conde de Arnoso	145
615. O negro e o vermelho	146
616. A um poeta d'agua-doce	147
617. Impiedosa	148
618. Jura	149
619. Theoria e prática	150
620. Enigma	151
621. Proverbio	152
622. Addio	153
623. Contra Darwin	154
624. Pensamento	155
625. Nénia	156
626. A elle e ao Candido	157
627. Scena campesina	158
628. Philosophia	159
629. Confissão	160
630. Em tempos idos	161
631. Em cinco linhas	163
632. Estrophe	164
633. Oração da noite	165
634. A Negra	166
635. Larvada	167
636. Snobbs	168
637. Confrônto	172
638. Elles	173

639. Por hygiene	
I – Nós ja não somos rapazes,	174
II – E demais, escuta bem,	175
640. A voz da natureza	176
641. A papoila	177
642. A um plagiario	178
643. A decadencia	180
644. A mim proprio	181
645. O instincto da vida	182
646. Et fugit sub umbras	183
647. Sonho desfeito	184
648. Fraude	185
649. Os miseraveis	186
650. Os ceus de Buffon	187
651. Entre árcades	188
652. Outro Hamlet	189
653. Recíprocas amabilidades	190
654. Homo natus de muliere...	191
655. Carta	192
2.1. Criptinos	
656. A foda, a luxuria,	195
657. O acto e o verbo	196
658. Na matta	197
659. Num water-closet	198
660. Lei do sêllo	199
661. Por tabella	200
662. Idyllio moderno	201
663. A uma de longos cabellos	202
664. Entre a ama e a sua aia	203
665. Cryptinos	204
666. De Montaigne	205
667. O rei gallego	206
668. A accusação e a defesa	207

669. Cryptina	208
670. N'um hotel dubio	209
671. Cryptinas	
I – Idilio aurora de seculo	210
II – Ingenuidade	211
III – Por gymnastica	212
IV – Entre amigas	213
V – A rainha e o bardo	214
672. Cryptina	215
2.2. Delfineidas	
673. Ora toma...	219
674. A azêmola	220
675. Madrigal	221
676. Coloquio	222
677. Aquella cousa	223
678. Epitaphio	224
679. O triste	225
680. O cão	227
681. Vaidoso	228
682. Adeus, pois, amigo Anthero:	229
2.3. Outros epigramas polemísticos	
683. Asinipes	233
684. Um aristarcho poeta	234
685. Ao mesmo	235
3. Semiprivados (ou divulgados fora da supervisão do autor)	
3.1. Epigramas académicos	
686. Tamagnini Encarnação	241
687. O Nobrega	242
688. Aquella pessoa benta	243
689. O Marques Coelho é homem,	244
690. O Moraes, um pulso forte,	245
691. «Ó Cerveira, és tão bonito!...»	246

692. O Junqueiro, o nosso poeta,	247
693. Tojeiro, que vens do tojo	248
694. Duvidas	249
695. Receita	250
696. O gigante	251
697. Caçada	252
698. Pregão	253
699. O Phantasma	254
700. Em Freixo de Espada à Cinta	255
3.1.1. Atos e provas	
701. Eloquencia	259
702. A letra dos teus assumptos	260
703. Lambaça	261
704. Moraes Carvalho, palavra,	262
705. Que bonitos pensamentos	263
3.1.2. Duelo com Guerra Junqueiro	
706. Iam caminho de Cintra	267
707. Junqueiro, que vens de junco,	268
708. Afinaste a veia chata	269
709. Acertou-te a pedra, e de arte	270
710. Tinha ha muito um realejo,	271
3.1.3. Outros poemas coimbrões	
711. Foi um incendio voraz	275
712. Que musica tão bella!	276
713. Epitaphio do Homem do Gaz	277
714. Quadras	278
3.2. Epigramas vários	
715. As duas meninas pandegas	281
716. Esse Antão, segundo dizes,	282
717. Amores!	283
Índice alfabético de primeiros versos	287

TEXTO CRÍTICO

I
VERSOS



1. Éditos



1.2. Publicações esparsas



531

[*A Liberdade*. N.º 289 (30 novembro 1865), p. 1.]

FOLHETIM

*Paródia do poema de M. Pinheiro Chagas,
oferecida a A. Feliciano de Castilho,
auctor da Mnemonica, arte de Metrificação, Abc repentino, etc.*

I

INVOCAÇÃO Á MUSA DOS RAPAZES

Musa, a quem me prenda nos magicos enleios
Da frêscas inspiração, ao transmontar do sol,
Quente visão d'amor, suavissimos gorgeios,
Que solta no meu peito amêno rouxinol;

Ó vaga aspiração, ó poema indefinivel,
Que na viçosa horta, e nos rosâes colhi,
Vago bruxulear d'amor indescriptivel
Com virgens e donzeis, phantasmas que entrevi;

És uma feiticeira, ó musa de magia,
Ó loiraça mulher, ó nume encantadôr;
Quero nesse avental em tão festivo dia
Um puro beijo dar do mais sentido amôr.

Hoje, palavra d'honra, és linda e purpurina,
E despertas amor 'num joven coração,
E até nos corações, aos quaes só illumina
O sulphur infernal, satanica ambição!

Oh! se eu fora poeta a lyra omnipotente
Desenhava-te já na cara juvenil
Assim como se faz em Moçambique á gente,
Que vão depois vender negreiros ao Brazil.

Título. Esta composição constitui uma réplica ao ultrarromântico *Poema da Mocidade* (1865), de Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (*1842 †1895), cujo posfácio de António Feliciano de Castilho esteve na origem das inflamadas réplicas de Teófilo Braga e Antero de Quental, no contexto da Questão Coimbrã.

Outrora eu já sonhava em lodações da vida
A tua formosura entre umas illusões,
Que tragava a chorar, pois tinha já partida
24 A hastea da esperança! aurora sem clarões.

Era a visão do mal, o meu diabo ingente,
A arrastar-me no quarto em tetrico furôr!
Tinha a idade louçã, mas ai ferro candente
Torrava-me no seio os canticos do amôr.

Nem um beijo colhia em faces de donzella,
Nem tremulo apertava a tua gorda mão,
Nem via o rosto lindo, esquivo, na janella,
O teu rosto, ó mulher, ó maga aparição!

Fôra a vida arriscar joven apaixonado
Eu, poeta, por ti! Sonho ainda a escutar
No ar aqui e alli o dito enamorado.
Da tua fresca boca... em noites de luar.

Hontem só prosa vil! a minha primavera
Perfumaste-a, donzella, ó laranjal em flôr!
Poetico scismar, bravo! não es chimera,
– Faço comparações de grande trovador!

E vejo despontar ridente o sol da vida,
E amo, e canto, e respiro as auras da manhã!
Ai brisa tão fagueira, aurea estação florida,
Da existencia sem luz aurora tão louçã!...

Ai que coisa bonita! eu sinto o genio escuro
D'esta poesia audaz, eu vou já escrever!
Abre-te, ó coração! sae do sacrario obscuro
E ergue um canto ousado á Musa da mulher!

Acenda-se no peito este fogão sagrado;
Musa, sopra-me ao lume, ó candida vestal!
E nunca o negro mundo, atroz, impio, malvado,
Te infame, te macule a cara virginal.

Da simples trova assim a tua mocidade
 Ha-de gostar decerto; acolhe-a tu, gentil
 Archanjo d'annos vinte, anjo de tenra idade,
 Ó nume inspirador do canto do arrabil.

Meus versos illumine a luz d'essa candeia;
 Eu vou já sem rodeio o canto começar:
 No peito do cantor, cara de lua cheia,
 Bafeja-lhe as canções, inflama-lhe o cantar.

IDYLLIO

Chama-se Chaga o heroe do meu poema.
 – É Chaga?! diz um critico severo:
 – Desculpe, meu senhor, é meu systema
 Um tolo baptisar como bem quero.
 Podia-se chamar – Pinheiro, ou Zero,
 Mas d'isso me afastou razão suprema.

Bem sei que o nome é pouco auspicioso,
 Nem eu d'um tal heroe o nome invejo;
 Mas não me lembro d'outro mais geitôso,
 Nem que mais se conforme ao meu desejo:
 Será Chaga – portanto o heroe famoso,
 Que bebe as aguas do paterno Tejo.

O nome d'este heroe, se não lhe agrada,
 Provarei que ainda assim vale um thesoiro:
 – Qual é a donzellinha aperaltada,
 Que um Chaga não sonhou morêno, ou loiro,
 Soltando á mansa brisa perfumada
 Amorasas canções de Grêgo, ou Moiro?

A mente da romantica leitora
 Já do Chaga esboçou bonita imagem;
 A acção d'este poema encantadôra,
 A heroína... fidalga por linhagem;
 Lisboaeta louçã, que se enamora
 D'um poeta gentil, – cantor d'um pagem.

Vede a escada de seda ou de barbante
 Para colher eroticos favores;
 Intrepido lá galga o sécio amante!
 Da scena os noitibós são os cantores,
 E a lua com seu cinto fulgurante
 A grande tocha que alumia amores.

Que graves emoções, que sobressalto,
 Não sofrera a leitôra! Embora cêdo,
 A verdade exporei a que eu não falto,
 (Nem d'isto pedirei algum segrêdo)
 O meu poema de grotesco enrêdo
 'Neste seculo nasceu de negro asphalto.

Para amor de surrão e de cajado
 Não ha era peor, nem mais fatal!
 Mas vê como é bello um namorado
 De farda com galões d'official!
 Não ha dama de tacto delicado,
 Que não goste do trage marcial.

Era mais de feição, mais milagrosa
 P'ra fardas nunca eu vi, nem 'spero vêr...
 Mas basta de sermão: sei que anciosa
 Deve estar a leitora por sabêr
 Como serei capaz de descrevêr
 Um Chaga em verso, que não seja prosa.

Este fragmento divide-se em duas partes. A “Invocação” é composta por quinze quadras de versos alexandrinos, em que predomina o modelo clássico, obedecendo todavia ao modelo antigo os vv. 42, 43, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 57, 58 e 60. O “Idyllio” é constituído por oito sextilhas, em que predomina o decassílabo heróico, mas são sáficos os vv. 72, 90, 95 e 108. Em todo o fragmento, prevalece o esquema de rima cruzada.

42. Deve considerar-se uma sinalefa em *E amo*.

[*A Liberdade*. N.º 291 (7 dezembro 1865), p. 1.]

II

Na fronte acanhada, sem rugas, luzente,
 Não lança o talento seus raios de luz;
 Que a fronte occupada d'um génio doente
 Não tem esse brilho, que a todos seduz!

O negro cabello, que ondeia ao de leve,
 Um rosto moldura, de *boas* feições;
 Os olhos são baços, e a boca não deve
 Sorrindo suave, prender corações.

Se o sumo da uva não ferve na mente,
 Se os fogos de *Bacho* não fulgem no olhar,
 O pallido rosto reflecte somente
 Paixão ou delírio d'um vate vulgar!

Donzella, que o veja passar suspirando,
 No dedo mimoso beijando um anel
 Sorrindo-se o fita, murmura zombando:
 – Que pobre idiota!... e a linda cruel

Ouvindo ao seu *tudo* requebros, finezas,
 Sorri-se a magana d'um modo subtil.
 Caprichos de moças! Têm taes subtilezas,
 Que nunca as percebe trovista pueril.

*

Tal era Chaga. Aos vinte annos
 Entrara cá 'nesta vida
 Com a cabeça exaurida
 De miôlo e de rasão!
 Passara por maus caminhos
 Negra vida amargurada,
 'Nelles deixando esmagada
 Mais d'uma pobre illusão.

10. Baco era o deus romano do vinho e do delírio orgiástico.

Sonhou na mulher um anjo,
Uma joia, uma deidade;
Mas viu depois a maldade,
Que os anjos no mundo têm;
Viu de carrinho a devassa
Ao oiro prestando culto;
Amou com amor d'estulto,
Soffreu em troca o desdem.

Inda assim não desistira
De achar no mundo a ventura;
Ei-lo de novo em procura
De outro anjo para amar;
Cada mulher, que fitava,
'Numa santa a convertia...
Mas logo se arrendia
De lhe erguer o seu altar!

Um dia... quem tal pensara!
Certa voz insidiosa,
Meiga, fatal, poderosa
Segredou ao trovador:
– 'Neste oceano de abrolhos
Onde naufraga a prudencia,
Que será d'essa innocencia
Sem a luz dum *casto* amor? –

– Irás na vaga enrolado
Parar ao golfo temivel!
Do mar a furia terrivel
Não vencerás a nadar!...
Das fauces do negro abysmo
Se intentas salvar a vida,
Busca a bussola perdida,
Abre o peito para amar!... –

Andava Chaga no campo
 De Sant'Anna, passeando
 Sosinho e triste, fumando
 No seu charuto hespanhol;
 Vago o rumor da cidade
 Pouco a pouco se afrouxava,
 Poleiro o gallo buscava,
 Estava-se a pôr o sol.

De repente uma donzella
 Meiga, loira, fascinante,
 Seu rosto, 'naquele instante,
 'Numa janella mostrou.
 De *phebo* já quasi posto
 Bateu-lhe um raio na frente;
 Um *periquito* insolente
 No collo d'ella poisou.

Ao Chaga tocou no vivo
 Aquella grande ousadia
 Do rival, que impune via
 'Naquelle throno de amor!
 Os zelos eram tamanhos
 Que a vista lhe afogueavam,
 Onde raios coriscavam
 De nunca visto fulgor!

Tomou, amante, o seu posto,
 E fitou a casta diva;
 Dissereis a imagem viva
 De *Adonis*, quando avistou
 Venus linda, loira e meiga
 No seu carro d'alvo argento,
 Quando lá do firmamento
 Ao nosso mundo baixou!

61-62. Refere-se ao arruamento lisboeta, rebatizado em 1879 como Campo dos Mártires da Pátria.

73. Refere-se, por metonímia, ao sol, em alusão ao deus Apolo, também conhecido pelo epíteto *Febo* (o Brillhante).

88. Segundo o mito antigo, Adónis era um jovem de extrema beleza, por quem se apaixonou a deusa do amor.

Ficara o Chaga pasmado!
Não pensava, não ouvia,
Apenas arder sentia
‘Num inferno o coração!
Em fim disse: – Esta era a imagem
Que meus sonhos ocupava,
Era a luz, que me guiava
À terra da promessa! –

Desde logo o *meigo* brilho
D’aquele astro *fulgurante*
Accendeu no *terno* amante
Extintos fogos de amor!
Chuva, neve, sol e sombra
Têm p’ra elle iguaes delicias
Suspira a musa blandicias
Nos cantos do trovador.

Este fragmento divide-se em duas partes. As cinco quadras iniciais são compostas por bipentassílabos com cesura átona, em esquema de rima cruzada; as restantes onze oitavas obedecem ao ritmo da redondilha maior e ao esquema rimático ABBCDEEC.

[*A Liberdade*. N.º 294 (17 dezembro 1865), pp. 1-2.]

III

Era uma noite de junho
 Fresca, e nua, sem um veu...
 Sem nuvens, eterno cirio
 Das romarias do ceu
 A lua um *clarão argenteo*
 Derramava no arvorêdo...
 Indo depois – muito a mêdo
 Beijar o rio e a ramagem
 Que se espreguiça no val:
 E da lua a branca imagem
 Até semelha uma *lympha*
 Que nos sorri como a *nimpha*,
 Dança a capricho e *vacilla*
 ‘Numa nesga de *crystal*
 Das aguas, onde *scintilla*;
 Ha gotinhas radiantes
 Nas aguas a saltitar
 Como *sylphos* doidejantes
 Travessinhos a dançar.

E ha uma tepida aragem
 A doidejar na campina,
 E uma voz quasi a divina
 D’um mavioso cantor,
 O qual segreda amoricos
 A uma rosa purpurina;
 Chama-se a isto um rouxinol,
 Ave que falla d’amor,
 Traduzindo ‘nesse instante,
 Um certo hymno que o amante
 Manda ao throno d’um Senhor!

E ha ‘nestas noites d’estio
 Muitas cousas voluptuosas,
 Como os seios nus das rosas
 Pedindo ardentes caricias
 Á brisa doida e fugaz!
 E até ha certos mysterios,
 Que fazem sonhar delicias
 D’um amor alambicado:
 Tudo isto toca no fado
 A banza do meu rapaz.

Mas o ambiente embalsamado!...
 Ai meu Deus que tentação,
 Quando o sangue estimulado
 Nos faz certa comixão!
 Casta pequena, innocente,
 Se a vires passar, tremente,
 Com ignota agitação...
 A coisa é fallar... consente;
 E cahe depois ‘num delirio,
 E deixa esfolhar o lirio –
 Aos embates da paixão.
 Ai noites d’intenso ardor,
 Sois *mui buenas*, para amor!

Corria a noite serena!
 Sem nuvens, e com luar;
 E a tal brisa, a indispensavel,
 Sempre, sempre, a doidejar!

.....

Vou fallar ‘numa cintura,
 E ‘numa face rosada,
 D’uma ideal formosura
 Com olhar fascinadôr;
 Este olhar da creatura
 Tem suave e terno ardôr,
 Que se o fitam com ternura
 Dá infernos de loucura,
 E paraizos d’amor!
 E merece symphonia
 De rebeca e de tambôr.

'Num regato que deslisa,
 Banhando o pé d'uns salgueiros,
 Cujos ramos a tal brisa
 Vem as vezes oscular,
 Fallando em certos amores
*No seu continuo palrar – **
 Vagueia, por entre flores,
 A esbelta e rosea donzella
 Realmente muito bella,
 E de candida influencia;
 O meu heróe a existencia
 Deixa fugir 'numa essencia
 Que se evapora no ar;
 Porque sentia esse fogo
 Que todos obriga a amar.

* Refere-se o auctor do poema ao palrar da brisa. Nota da parodia.

O Chaga a um tronco encostado,
 Fronte pendida na mão,
 (É este o heróe enlevado
 Com seductora visão.)
 Na mente phantasiava,
 E a ligeira aerea fada
 Travessa lhe volteiava
 A sabor da viração.

E o Chaga tremia ao vél-a,
 Tão airosa e tão subtil,
 A digna musa dos cantos
 Do seu querido arrabil...
 Ah! se ella ao menos deixasse
 Da apparição em signal
 Um cabellino doirado,
 Cinto aereo e infeitiçado
 De dona Brisa de tal...

Vede-a, lá vai, a moça donairosa
 Poisar junto do Chaga; aureas madeixas
 Fluctuam sobre o collo, embasbacado
 A mão levanta o Chaga, e pega logo
 No chale da donzella, bem fallante
 Que lhe diz de mansinho estas palavras:
 (Em parenthesis, vede, meus amigos,
 Que o segredar da moça era suave

Como o roçar da viração da tarde
'Numa harpa eolia, em pinheiraes perdida).

– Meu Chaga, sentes saudade
D'antigo ou ingrato amor?
Pieguices da mocidade,
Lamurias de trovador?
Eu quero dar-te a ventura,
Oh meu querido donzel!
Não soffrerás a tortura
Do sonho, illusão cruel; (etc....)

Porque eu já deliro na mente exaltada,
E vou nos teus braços d'amor desmaiar.
– Ai minha florinha! não fiques zangada
Se eu 'nesses teus labios um beijo poisar.

123 – Tu queres beijar-me? não deixo, protesto...
Amor de poeta não dá beijos, não;
Contenta-te em ver-me de rosto funesto,
E adeus até logo, meu bello pimpão.

Soltou o vóo arrojado
A mocinha encantadora,
Na sombra fascinadora
Quiz o Chaga extasiado
Um puro beijo depor,
Mas ficou como um banana,
Quando uma donzella esquiva
Lhe volta as costas altiva,
E o manda para Sant'Anna
Dançar o fado a primor.
A boca do heroe constante
Solta um brado d'amargura,
E então a donzella pura
Volta o rosto deslumbrante,
Brilham os raios do amôr...

.....

E a noite sempre serena,
E as meiguices do luar,
E a brisa dizendo amores,
E as folhas a doidejar!

135. Refere-se ao arruamento lisboeta, rebatizado em 1879 como Campo dos Mártires da Pátria.

155 D'entre uma balseira rente
Do virente chão do prado
O rouxinol namorado
Uma piada soltou;
E a rosa na hastea indolente
D'um calix embalsamado
Uns cheirinhos exhalou!

Sons de rebeca em distancia
Quebram da noite a mudêz,
Musica d'esta assonancia
Que nos deixa a embriaguez
D'as notas arripiadas
De charivari, estaladas

A voltear desvairadas
Nos ouvidos; coisa atroz!

Era uma dansa campestre,
Que os creados da donzella
Faziam com alegria
De a verem tão luzidia,
E na boa companhia
Do seu Chaga; mais veloz
Não salta o gamo, nem gira
Com tanta ardencia – na mira
De apanhar a corça esquiva,
Do que o nosso heróe então...
Gostou da tal harmonia
Da rebeca, e por folia,
Recitou uma poesia
Á dama do seu condão.

Ao som da rebeca! oh triste
Poeta, que assim consentes
Que as trovas tuas ardentes
Tenham tal inspirador!
A tua musa desafina,
Tu dás com as trovas na lama,
É melhor ires p'ra cama
Vai-te deitar, trovador.

Mas não: o Chaga canta os seus amores,
Acompanhai-o, guizos e tambores.

O CANTO

Gentil mocinha, que sorris fagueira,
Junto á parreira, que te viu nascer,
Porque me foges, quando a minha mente
Ai quer somente para ti viver!

Ai sem amores de que presta a vida,
Assim vivida sem venturas dar;
Não queres, rosa, que ninguém te colha,
Pois olha, olha, que te vou cortar!

A flôr viçosa que me prometeste,
E que escondeste, meu querido amor,
Quero colhel-a, quero o seu perfume,
Ô anjo, ó nume, dá-me a tua flôr.

E quando a aragem te beijar o busto,
Diz-me com susto a murmurar subtil
Amo-te, ó Chaga, e logo – sob a fronde
Ama! responde o rouxinol gentil.

Só tu formosa, mas cruel menina,
Queres mofina vêr-me aqui morrer,
Quando os ensalmos do meu triste canto
Te dão um pranto de infernal soffrer!

Sina fatal; não queres borboleta,
Beijar o poeta, todo crença e amor?
E queres sim, que eu vá colher espinhos
Entre os maninhos do tojal sem flôr?

Gentil mocinha, que sorrís fagueira
 Junto á parreira que te viu nascer;
 Não me desprezes, quando a minha mente
 Ai quer somente para ti viver.

Este fragmento combina diferentes sistemas estróficos, versificatórios e rimáticos, alternando madrigais em redondilha maior, verso decassilábico e bipentassílabo com cesura átona. Predomina o esquema de rima cruzada.

26. Deve considerar-se uma sinalefa em *Chama-se a isto*.

39. Impõe-se uma sinalefa em *Tudo isto*.

84. Deve considerar-se uma sinalefa em *Chaga a um*.

86. Note-se a sinalefa em *este o herôe*.

99. Deve considerar-se uma sinalefa em *aereo e infeitiçado*.

150. Impõem-se três sinalefas em: *E a, na hastea, hastea indolente*.

179. Note-se a sinérese em *tua*.

180. Deve considerar-se uma eclipse em *com as*.

[*A Liberdade*. N.º 295 (21 dezembro 1865), p. 1.]

IV

E dando fim á cantiga
Fita a musa langorosa;
Do ebrio a face lustrosa
Não tem mais rubida côr.
Treme-lhe a dextra vermelha
Nas mãos do Chaga entalada...
Fica a moça espapaçada...
Que assim o quer o pudor!

Mas foi descerrando os párpados
Com denguice d'impostura,
E simulando ternura,
Fitou o Chaga... e cuspiu!
Depois, pensou um instante,
E nos beijos do pateta,
Mais ligeira do que a setta,
Os labios poisa... e partiu!

Primeiro beijo rescendendo aromas,
Primeira loa da canção sédiça,
Que em horas vagas (no dizer dos bromas)
Nos peitos cala e os corações atiça!

Estrophe santa! musical murmurio!
Sopro de fogo a requeimar entranhas!
Prefacio tolo d'um amor espurio
Como o d'um bardo de paixões tacanhas!

Furtar á noite divinal beijoca
'Num labio sêcco, de setim, vermelho,
(Bem como o porco que encontrou minhoca
'Num charco vil do paternal cortelho,

Medonho a agarra, saborea e come,
30 Erguendo ao ceu descommunal grunhido);
Roubar assim com devorante fome,
A puros labios o carmim fingido,

É sonho lindo, de exhalar um ai!
 É ver nas trevas reluzir tições!
 Da virgem pura, que d'amor se esvae,
 O seio pulsa, até rasgar prisões!

Fremem os labios da garbosa moça
 Como bambús que os vendavaes açoitam!
 Oh! 'nessas horas d'esta vida ensossa
 Nunca os enfados entre nós se acoitam!

Mas breve finda essa visão celeste
 Que logo em tórno vai morrendo a luz!
 Tal fica morta uma planura agreste,
 Se já partiu o festival lapuz.

.....

E a noite sempre serena,
 E as meiguices do luar,
 E a brisa dizendo amores,
 E as folhas a doidejar...

Estou vendo d'aqui o tal cevado,
 Que em Lisboa pôz loja de censôr,
 Dizer com voz austera, e carregado,
 Vomitando das fauces o esqualôr;
 «Villania á moderna geração,
 «Que ao escarneio lançou o coração!»

Amor! fogo perenne da Vestal!
 Roza branca a pensar junto d'um lago!
 Arroyo murmurando pelo val!
 Luz d'estrella esvaindo-se no vago!
 Tu não és o que diz um vate chôcho,
 Em verso deslavado, e pifio, e côcho!

Quem se não curva ao divinal imperio
 D'uma virgem formosa, immaculada,
 Quando no occaso pelo espaço ethereo
 Os olhos traz perdidos, arroubada?!
 Só se não curva o trovador protervo
 Só da materia adorador e servo.

49-50. Refere-se a António Feliciano de Castilho, que no posfácio ao *Poema da Mocidade* acusou a nova geração coimbrã de sacrificar ao materialismo o bom senso e bom gosto poético.

Dar um beijo detraz d'um cortinado,
 Ou 'num recanto esconso e solitario,
 'Num labio de mulher, já maculado
 Por um troço d'amantes, bronco, e vario,
 Talvez que seja o amor do velho traje,
 Mas é como o do porco, ou de Bocage.

Mas é tôrpe quem ergue á impuresa
 Um hymno de paixão, embora rude,
 E depois com a voz em ira aceza
 Verbéra o vicio e falla na virtude!
 Esse tal segue a escola que devassa,
 Ou de tudo quer rir e faz chalaça.

Vergonha sobre um vate tão mesquinho
 Que as más paixões assopra, e move, e atíça,
 Bebendo a inspiração talvez no vinho,
 Ou nas carnes sebaceas da chouriça!
 Que saia a pontapés do aereo templo,
 Dando a vindoiros necessario exemplo.

Vileza sobre o hypocrita que vasa
 Em peitos juvenís atroz peçonha,
 E batendo na treva a negra aza,
 Diz áquelle que scisma, e chora, e sonha:
 «Tu segues 'nesta vida um falso rumo:
 «Viva a materia só; que o resto é fumo!»

Fim do primeiro canto

72. Refere-se a Manuel Maria Barbosa du Bocage (*1765 †1805) e ao tom licencioso das suas poesias.

Este fragmento combina estrofes de redondilha maior com madrigais em verso decassilábico. O esquema rimático é heterogéneo, privilegiando contudo a rima cruzada.

45-48. Deve considerar-se sinalefa em *E a, E as*.

[*A Liberdade*. N.º 299 (4 janeiro 1866), p. 1.]

V
CANTO SEGUNDO

TENTAÇÃO!

A mulher!... tremendo esphinge!
 Ai! quem soubera o motivo
 Das viravoltas constantes
 D'esse mosquito lascivo,
 Que pica e suga os amantes!
 És o nó gordio, mulher!
 Foi Belsebú 'num capricho
 Que te fez tão inconstante
 Como a tromba do elephante,
 Que ora flacida e macia,
 Affaga e beija indolente,
 Ora entezada e bravia,
 Despedaça e ás rochas lança
 A pobre féra imprudente,
 Que veio coçar na pança!

A mulher é como a couve,
 Que se mira embebecida,
 E tem a fronte pendida
 Sobre a lympha da lagoa.
 Com suave murmurinho,
 Talvez amoruda loa,
 Vão as aguas embalando
 O formoso vegetal,
 Que paga com riso brando
 Os suspiros do cristal!

Mas surge uma noite cálida,
 E de traz d'um monte a lua
 Sobre e mostra a face pallida,
 Formosa, tranquilla e nua,
 De repente 'numa frança
 Ouve-se um canto divino,
 Mais triste do que o do sino,
 Que plangente se balança;
 Mais doce do que os arpejos
 De longinquos realejos!
 É o sapo melancolico,
 O trovador inspirado.
 E no canto arrebatado,
 Do seu lodaçal bucolico
 Lastima a paixão ardêga,
 Que tem á couve gallega!

Mas ella, a planta vaidosa,
 Só contempla os proprios grêllos!
 Não podem fundir-se os gêllos
 No repôlho da formosa!
 Tira em vão o pobre sapo
 A voz do fundo do papo,
 Fica sem eccho o lamento;
 Que a bella só quer mirar-se
 Nos espelhos da corrente,
 E no talo a baloiçar-se
 Esperguiça-se indolente,
 Como sultão somnolento!

Chega o dia; o sol espalha
 Na terra a vida, o calôr;
 Cantam aves, brilha a flor,
 O homem pensa e trabalha...
 Mas o amphibio trovador,
 'Neste grande movimento,
 Perde a voz, o pensamento!
 Por tanta luz offuscado
 Não ousa dizer langores
 Á couve, que nos ardores

Que o sol dardeja sobre ella,
 Inda parece mais bella,
 Inda tem mais verdes cores!
 Mas o caracol ousado
 Chega então, e requebrado
 Diz candongas mil e mil
 Á descuidada gentil.
 Abre-lhe o seio a doidinha,
 E logo o vil seductor
 Conspurca, fingindo amor,
 A virtude que ella tinha,
 A gala, o perfume e a côr!

Viçosa couve do mundo,
 Mulher de candido olhar!
 É de balde que o javardo,
 Que se fez um dia bardo,
 Te colloca 'num altar,
 E te offerta em livro pardo
 As loas do seu trovar!

Vem o tendeiro da rua,
 E com elle a tentação;
 E cais-lhe nos braços nua,
 Que viste (fascinação!)
 Duas pernas de perúa
 A dansar 'numa visão!

«Mas a vida, assim, enfada,
 (Diz o vate semsabôr)
 «E vês-te só, isolada,
 «Sem belleza... e sem amor!»
 O pobre não sabe o assumpto:
 Pois não te resta o presunto?!

Quem podera contar as horas longas,
 Que passamos, dizendo mil candongas
 Com doce estupidez;
 Quem não sabe de cór a lengalenga,
 Que dissemos á turba mulherenga,
 Ai! tanta e tanta vez!

Discurso, que tiramos linha a linha
Á farça de cordel, e que lá tinha
 Tão picaro sabôr!
Morreste, quando as rosas destes labios
As transformou em beijos d'homens sabios
 O tempo assolador!

Mas se o dia chegou dos reumatismos,
E só vemos em roda os sinapismos,
 E perto, e perto a campã;
Se na mente surgís, horas d'encanto.
Expira a dôr então, e logo o pranto
 Em risada descampa!

Este fragmento combina uma passagem inicial em redondilha maior com três estâncias finais, onde se emprega o decassílabo e o quebrado hexassílabo. O esquema rimático é heterogéneo.

[A *Liberdade*. N.º 301 (11 janeiro 1866), p. 1.]

VI

Aquelles grandes passeios
 Por sêrros e por vallados
 Que a donzella, sem receios,
 Em jumentos alentados,
 A galope percorria;
 Aquella vida convulsa;
 Aquella melancolia;
 Isso não canta o farçante,
 Que na lyra que compulsa
 Só tem cordas de barbante.

São as paginas selladas,
 (Por desculpa diz o tal)
 Do livro das namoradas,
 Livro santo e virginal;
 São laudas, que devassadas,
 Tombam logo sem valia:
 Tal em Pompeia, que um dia
 Um vulcão cobriu de lava,
 Em fina areia caía
 A mumia, que alguém tocava.

Ah! não sabe, leitor, quanto me custa
 O ouvir um versista choramigas
 Invocar d'Espronceda a musa augusta,
 E descambar em mazorraes cantigas!
 É d'esses o jogral mazombo e insulso,
 Que, por castigo immérito, compulso.

17-18. Alude ao conhecido vulcão italiano, cuja erupção mais intensa soterrou as cidades de Pompéia e Herculano (em 79 d.C.), após 1500 anos de inatividade.

23. Refere-se a um dos expoentes do Romantismo europeu: o poeta espanhol José de Espronceda (*1808 †1842).

Mas, divina leitora, prosigamos
 No entrecho da scena começada.
 Porém soffra, primeiro, que estes ramos,
 Que nos campos colhi de madrugada,
 Lh'os ponha no açafate dos bordados,
 Que assim o manda a lei dos namorados.

Tem o nome formoso de Sophia
 A gentil heroína d'este drama.
 («Formoso» digo só por harmonia,
 Que a belleza d'um nome está na dama:
 Tal agrada o amarello em peça d'ouro,
 Mas causa sempre horror posto 'num couro),

A mãe d'ella, madama de Cocasse,
 Despresando a prosapia dos avós,
 (Sinto vermelha de contal-o a face!)
 Unira-se com laço de mil nós
 A um rico vendedor de má cerveja,
 Que enlanguecera ao vel-a 'numa egreja.

Mas falhou o negocio da franceza,
 Porque o marido vil, de tombo em tombo,
 Bebeu e digeriu toda a riqueza,
 Isto na fórma de Madeira e lombo.
 E quando a morte o soterrou d'um sôcco,
 Legou-lhe a filha, por final descôco.

Mas a bella Sophia era um thesouro
 Do mais subido, e inexcédível preço!
 Que rosto moldurado em fios d'ouro!
 Que labios sensuaes! que rir travesso!
 Que estatura ideal! que mão de neve!
 Que pé mimoso, fandangueiro, e leve!

39. Este título francês poderá também traduzir-se ironicamente como “dama burlesca” ou “bêbedá”.

48. Refere-se ao vinho espirituoso, produzido na ilha da Madeira.

Um sapateiro illustre e cavalheiro,
 Ao tomar-lhe a medida da botinha,
 É voz que disse d'alma e verdadeiro:
 «Se eu fosse rei, oh bella, eras rainha!»
 E que vendo-lhe o rosto carrancudo
 Cravara o pobre em si um ferro agudo.

Os olhos eram pardos, mas do pardo
 Que nos dá commoções mysteriosas;
 Eram olhos que entravam, como dardo,
 Nas entranhas das gentes amorosas.
 Quem não quizera, da paixão vencido,
 Ser por elles ou morto ou derretido!

Mas não posso a expressão doce
 Dos olhos d'essa donzella,
 Por falta de tinta e brocha,
 Estampar na exigua tella.

*

Nos arrebatados júbilos
 Das scenas do puro amor;
 Nos esvaimentos lânguidos,
 Que fazem perder a côr;
 O par amoroso, em extasi,
 Os dias passava ledos,
 Sem pensar no Fado gélido,
 Que sóe nos seus lances trêdos
 Desfazer brandos enrêdos.

Uma noute... noute aziaga!
 Chega este brado de guerra
 'Numa carta ao nobre Chaga:
 «D'alem mar em longe terra
 «Chamada de Moçambique
 «O gentio sertanejo,
 «Esquecendo a honra e o pejo,
 «Levou os nossos a pique!
 «Vôa, oh bravo, áquella plaga
 «Empunha a valente adaga,

«Do mundo espanta as nações!»
Fica o Chaga em convulsões,
Mas nem um momento hesita,
E vai, moderno Camões,
Defender a patria afflicta.

Em carinhosos queixumes,
Em beijos e ardentes juras,
Os dois amantes passaram
Da partida as horas duras.

95. Refere-se a Luís de Camões (*ca. 1524 †1580), o paradigma do poeta-militar, pelejando bravamente em defesa da Pátria.

Este fragmento intercala passagens em redondilha maior (no início e na parte final do poema) com oito sextilhas mediais, onde se emprega o verso decassilábico. Predomina o esquema de rima cruzada.

69. Deve considerar-se uma sinalefa em *posso a expressão*.

77. Note-se a realização proparoxítone em *extasi*.

[A *Liberdade*. N.º 304 (21 janeiro 1866), p. 1.]

VII

Mas depois quando o Chaga se viu só
 Na trapeira onde outr'ora imaginava,
 Nos sonhos da cabeça escandecida,
 Ver em seus braços reclinada e trémula
 A rubrica Sophia; quando mesto
 Á mesa se sentou onde escrevera,
 Lêsma nativa da Castallia múrmura,
 Aquelles versos, que o Castí* dos lusos
 Lançou na eternidade; ai! 'nesse instante
 Sentiu entrar-lhe 'nalma a dor que mata!
 Viu-se perdido nos desértos Lybicos,
 Exposto á furia de leões sanhudos;
 Ou cosinhado de recheio e posto
 Á mesa d'antropophagos indigenas!
 A solidão do quarto povoou-se-lhe
 D'abantesmas teterrimos; Sophia
 Ao longe, ao longe, na visão longinqua,
 Já nas trevas perdia a stryngé candida.
 Allucinado e tonto quiz as vestes
 Inda prender da fugitiva môça.
 Soterrou-o por fim o esforço enorme,
 E tombou, arquejante no sobrado;
 Qual tomba o cedro que o machado fére.
 Mas, movido por força estranha, subito
 D'um pulo surge e estas linhas traça:

* Castí, poeta italiano, mostrou a vêa satyrica que tinha, apresentando ao publico os – Animaes fallantes.

Vou partir e levo em mim
 Da tristeza a ardente chamma,
 Pois vi debaixo da cama
 Um phantasma d'olho mau

7. Castália era uma das fontes inspiradoras dos Gregos; estava situada no monte Parnaso e era consagrada a Apolo (o deus da poesia) e suas Musas.

Que me disse, que a mulher
Como a arêa é movediça,
Que só a vence a cubiça,
Ou lisonjas de sarau.

Sophia! quem me arrancara
Este espinho das entranhas!
São estas ancias tamanhas!
Tão acerbo este martyrio!
Talvez que em breve na guerra
Eu cáia a golpes de chuço,
E lance o final soluço,
Ao som d'um tango em delirio!

E que tu 'nesse momento
Dances risonha um bolero,
Com todo aquelle salero
Das filhas d'Andaluzia,
Esquecendo a jura santa,
Que á hora da despedida,
Tu me fizeste, abatida
Qual ebrio depois da orgia!

Estavas linda: a tristeza
Cobrira com denso veu
Teus olhos, fitos no ceu,
Meu astros na vida escura.
Que poesia, quando oppressa
Me disseste 'num queixume:
«Como a luz do vagalume
«Morre na terra a ventura!

«Á noite succede a aurora:
«'Daqui a pouco talvez
«Te beije assim, outra vez,
«Esta amante angustiada,
«Sus ao negro horripilante!
«Não sossobres no caminho,
«Anima o peito com vinho;
«E vencerás a jornada!

«Eu serei a estrella fúlgida,
 «Que te guie ‘nessa plaga;
 «E depois a gentil maga,
 «Que te mude em riso a dor.
 «Esse cardo, que te pica
 «A planta do pé mimosa,
 «Ha-de tornar-se na rosa,
 «Symblo formoso d’amor.»

Disseste e, chorando, um ai
 Mandaste á amplidão serena;
 Tal a pallida açuçena
 Exala do seio o aroma.
 Sophia! que a vil perfidia
 Nunca em teu peito se aloje,
 Pois mal a virtude foge,
 Logo, logo o escarneo assoma.

Vou partir: a minha gente
 Espera o guerreiro cabo.
 D’amor e medo me babo,
 Mas cumpra-se o fado iniquo!
 Adeus, mulher dos meus sonhos!
 Anjo bom no meu inferno!
 Que em pouco um vento galerno
 Me traga aonde me fico!

Este fragmento combina uma passagem inicial em verso decassilábico com oito oitavas finais, onde se emprega a redondilha maior e um esquema rimático ABBCDEEC.

[*A Liberdade*. N.º 307 (1 fevereiro 1866), p. 1.]

VIII

Foi um viver semsabor
O da fogosa Sophia!
Ou surgisse a roxa aurora,
Ou triste morresse o dia,
Andava a pobre menina
Sempre em continuos bocejos,
Percorrendo a casa ás tontas,
Como besoiro nos brejos;
Ora da côr dos rosaes,
Ora da côr amarella
Dos bentos cirios pascaes.

Certo dia a gentil moça
Fitou com ar desdenhoso
O rosto pingue e luzente
Do morgado de Trancoso,
Que ‘num ginete de raça,
Com furibundos galões,
E carreiras desabridas,
Fizera vir aos balcões
As comadres intoiridas.
Parou defronte da bella
O cavalleiro taful,
E pondo a luneta d’ouro,
Cravou nella o ôlho azul,
Fazendo com que a formosa
Se retirasse, orgulhosa
Como um sultão de Stambul.

Outra vez... scismava triste
No amante desditoso,
Quando viu absorto ‘nella
O solarengo amoroso.
Por toda a parte a seguia
O mancebo extasiado,

Qual segue o maltez as voltas
 Do passarinho pintado.
 Mas o louco cavalleiro
 Tinha tal garbo no bicho,
 Era tão destro em domal-o,
 Levando-o sempre a capricho,
 Que Sophia muitas vezes
 Vinha com pé cautelloso
 Espreitar as scenas híppicas
 Do Mesencio de Trancoso.

«É millionario e morgado;
 Dizia a velha Cocasse,
 «Que viver afortunado
 «Se quizesse este enlace!»

Ficava a filha calada...
 Que importa immensa riqueza
 A quem sonha enamorada
 'Naquelle, que na tristeza
 Passa a vida amargurada?
 Que importa um vil diadema
 De pedras finas e d'ouro,
 Symblo da força suprema,
 Sempre invejado thesouro,
 A par do chapéu do Roxo,
 Que cinge a fronte inspirada
 Do vate, que embora chôcho,
 Canta a mulher adorada?

Um dia o novo Centauro
 Entrou em casa, e na salla
 Á viuva do borracho
 Fez em voz baixa uma falla;
 E depois quando de novo
 Se bifurcou no alazão,
 E partiu mettendo a espora
 No ventre do proprio irmão;
 Disse então a mãe á filha:
 «Só aspira á tua mão!»

43. Alude ao rei dos etruscos, que na *Eneida*, de Vergílio, participou ao lado de Turno na guerra contra os troianos.

61. Alude aos míticos seres da Antiguidade, com torso humano e corpo de cavalo.

– «Serei d'aquelle que adoro;
Disse a pomba, espera em vão.»

Ninguem mais fallou em tal,
Mas a francesa ladina,
Desde esse dia fatal,
Dizia á pobre menina
Com voz e tom doutrinal:
«Amor é bom nas intrigas
«D'uma peça theatral;
«Mas ai d'essas raparigas,
«Que se levam, como necias,
«Das amorudas cantigas
«D'um auctor de taes facecias.

«Os homens, minha Sophia,
São verdadeiras serpentes,
Têm a pelle encantadora,
Mas venenosos os dentes.
As fallas enamoradas,
As juras d'eterno amor,
São 'nelles sempre mentira,
Como é mentido o pallôr,
Que nós julgamos nascido
D'aquelle profundo anceio
Da paixão que lhes causamos,
Da febre que têm no seio.
Aquelle aspecto abatido,
Aquellas grandes olheiras,
São filhas d'orgias hórridas,
São filhas das borracheiras.
Mal apenas, minha filha,
O sacristão apressado
Apaga, de cana erguida,
As tocheiras do noivado,
Ai! logo 'nelles o tédio
Principia o curto assedio,
Em que morre o amor gelado.

«Não chores, filha adorada;
 Uma capella de flores
 Depressa emmurchece e morre,
 Perdido o perfume e as cores.
 Mas sendo d'ouro as boninas
 Da grinalda virginal,
 Já mais lhe morre a belleza,
 Tem o brilho perennal.
 Ai! só, louquinha, a riqueza
 Traz deleites verdadeiros!
 Passar a vida cercada
 De mancebos candongueiros;
 Ser invejada; arrastar
 Nas sallas ricos estôfos;
 Passar a noite abafada
 Em leitos brandos e fôfos;
 Correr a galope as ruas
 Em cavallos africanos;
 Ter sempre presuntos optimos
 De porcicos alemtejanos;
 Passar em fim esquecida
 Da vida os rapidos annos;
 Eis a ventura na vida.»

Tal era a perfida arenga
 Da franceza calculista,
 Que sómente punha a vista
 Em roubar a filha ao ceu.
 Sophia ouviu o demonio;
 Primeiramente irritada,
 Mas por fim allucinada
 A pobresinha... cedeu.

Este fragmento é composto por treze estrofes de redondilha maior, obedecendo a um esquema rimático heterogéneo.

86, 95. Note-se a realização monossilábica em *têm*.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 211-214.]

IX

.....

1 Á porta da sua amada,
 2 O desditoso troveiro
 Bateu de rijo, mas nada!
 4 Porém, do prédio fronteiro,
 Surgiu o vulto indeciso
 6 D’um velho amigo, um tendeiro,
 7 Que lhe disse, de improviso,
 Tremendo-lhe a voz um tanto:
 9 «Amigo, bates em vão:
 A gente que ahi morava,
 De nós todos estimada,
 12 Mas a ti inda mais cara
 13 Já mudou. Sei que é triste
 Esta nova; mas é grande
 Quem á desgraça resiste:
 16 Sonhos vêm, e sonhos vão,
 Sophia, a loira donzella,
 Que por ti foi tão amada,
 19 Trocou-te por um louraça:
 20 É hoje rica e morgada».
 21 Ouvindo a nova fatal
 22 O mancebo alanceado
 23 Soltou um ai, e cahiu
 De batecú no sobrado.

25 Recobrou novos alentos
 Na tenda do velho amigo,
 E sem escutar as supplicas
 De quem lhe offertara abrigo,
 Sahiu, qual bala d’obuz,
 Tremendo de calefrios.
 Curvae-vos a quem a luz
 Da razão leva perdida!
 Curvae-vos como bambús!

34 Leva estampada na fronte
 35 A passagem da desgraça
 36 Como as rugas que um mau fado
 37 Em nossas fronte nos traça.
 38 Os olhos, sêccos e turvos
 39 Fitam phantasma chimerico
 40 E grita com voz aguda
 41 Como doudo, como hystericco,
 E com passo vacillante,
 Foi assentar-se defronte
 44 Entre servas e aguadeiros
 45 Em conversas junto á fonte.
 Depois, passando na mente
 As horas d'amor ditosas,
 Soltou do fundo do peito
 Estas queixas lamentosas:

 «Oh flor modesta, que sorris simploria
 51 Junto ao repólho que te viu nascer,
 52 Junta uma lauda á semsabor historia:
 Fecha teu seio ao divinal viver»!

 Atufara-se no Atlantico
 55 O sol saudoso ao partir
 56 Como é triste na mulher
 O derradeiro sorrir.

58 E ao longe um burro entoava
 59 Um canto rouco e tristonho:
 Era o pranto d'um amor,
 Que passara como um sonho!*

* É esta a quadra estribilho
 no *Anjo do lar*.

62 E as folhas sêccas cahiam
 63 Com leve bulha no chão!
 64 Era o hymno da saudade
 Era a voz da solidão.

Este fragmento intercala passagens em redondilha maior (no início e na parte final do poema) com uma quadra medial, onde se emprega o verso decassilábico sáfico. O esquema rimático é heterogéneo, predominando contudo a rima cruzada.

532

[*A Academia*. N.º 2 (1866), p. 14.]

S. L.

As doces illusões, que eu tanto amava,
Eil-as cahidas em profundo abysmo;
É chegado o tremendo paroxismo,
Que a bruxa d'olho máo prophetisava.

A voz trago sumida, a face cava,
De tanto que suspiro e choro e scismo,
Em vão lancei aos pés um sinapismo,
Cresceu a dor de ponto em furia brava.

Prostrou-me para sempre o teu despreso
No dia em que de cócoras, turbado,
Te disse d'este amor o verbo acceso.

O céo está sombrio e carregado!
Corro a metter no ventre um ferro tezo,
Cumpra-se emfim o desditoso fado!

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2 e 14, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico nos vv. 8 e 11.

533

[*A Academia*. N.º 8 (1867), p. 60.]

A S. L.

Mulher! eu vou partir a largos passos
Sobre o costado d'um jumento ardêgo:
Vou partir d'estas margens do Mondego,
Onde os dias passei de pranto escassos.

Alem arrastarei os membros lassos,
Mais tristonho na dor do que um morcêgo.
No ventre já não tenho um só rofêgo,
Já tenho de chorar os olhos baços!

Tal como a tenia, a sordida lombriga,
Nas tripas vive mesta e solitaria,
Assim eu viverei, oh doce amiga.

Mas, ai! que importa a vida ao triste paria?
Que a parca fie a derradeira estriga,
E apague a amortecida luminaria!

13. Na Roma Antiga, as Parcas eram divindades do Destino que determinavam o curso da vida humana. Representadas como três irmãs fiandeiras (Nona, Décima e Morta), era a última que se incumbia de cortar o fio da existência.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2 e 13.

534

[*A Folha*. Série I (1869), n.º 7, p. 56.]

Quanto sou desgraçado! Na campina
Já fende o curvo arado a terra dura;
Grita a andorinha na cerúlea altura;
Desdobra o calix a vernal bonina.

E tu, minha adorada Carolina,
Sem pena da mais triste desventura
Não lanças um clarão na vida escura
Do que teve, de amar-te, a fatal sina!

Oh! que maldito seja aquelle dia
Em que preso fiquei d'um teu olhar,
E d'aquelle sorrir que me illudia!

Agora vago em procelloso mar,
E vae tão funda a negridão sombria
Que já desesperei de me salvar.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 4, 12 e 13.

535

[ADB, Ms. 537, f. 45r.]

NUPCIAS

Eu vi-te, oh minha amada,
 Quando tiraste as naguas
 Detrás d'aquellas fraguas,
 Na fresca madrugada.

De côma desatada,
 Molhando o pé nas aguas,
 Gemias doces maguas,
 Qual pomba enamorada.

- E no pudor sem tanga
 10 Eras, de tal beldade,
 11 Que fui d'ali, piranga,
 12 Dizer ao nosso abbade
 Que preparasse a tanga
 14 Que junte a humanidade.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[BPMP, Ms. 2012, pp. 210-211.]

CONSAGRAÇÃO

- Eil-o aqui o heroe facundo!
2 Distincto, grave e solemne!
Tem na lingua uma bipene,
4 Tem na voz o mar profundo!
- 5 Na tribuna é sem segundo:
6 Se o ouvisse um dia Taine!
7 Lembra o filho de Climene
Sustendo aos hombros um mundo.
- 9 Ide vêl-o, na refrega,
Nas lutas do parlamento!
11 É sol que deslumbra e cega!
- Um dia, ouvindo-o em S. Bento,
13 Disse alguém: «Bravo, collega!»
14 Esse alguém era um jumento...

6. Alude ao historiador e crítico francês Hippolyte Adolphe Taine (*1828 †1893), um dos principais filósofos positivistas e fundador do movimento naturalista.

7. Refere-se a Atlas, um dos titãs dos mitos gregos. O filho de Jápeto e da oceânide Clímene tentou escalar o céu, sendo por isso condenado por Zeus a carregar a abóbada celeste sobre os ombros.

12. O Palácio de S. Bento é a sede do parlamento português, desde 1834.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*A Renascença*. Fasc. VIII-X (agosto – outubro de 1879), p. 125.]

A UM POETA ANONIMO

- 1 Aquelle mal subitaneo,
- 2 Que te dá tanta canceira,
- 3 E que do seixo do crâneo
- 4 Te faz brotar tanta asneira:

- 5 Fora invento em desabono
- 6 Dum pobre intellecto magro,
- 7 Se eu, como tu, fosse dono
- 8 Dum par de orelhas de onágro.

Braga, 1879.

Título. Sobre o contexto de composição que rodeou este poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

538

[ADB, Ms. 537, f. 44v.]

A UM POETA QUE SE SANGROU
(De Salvador de Medina)

- 1 Que foi soberba a sangria
2 Que levaste, – dizem quantos
Sabem, Gil, que soffres tantos
Accessos maus de poesia.
- 5 Mas, engana-se quem pensa
Que foi magnifica a idea
7 Da sangria n'essa veia:
8 É n'outra que tens a doença.

Título. Estamos perante a tradução de um epigrama de Salvador Jacinto Polo de Medina (*1603 †1676).
A este propósito, leia-se a nota explicativa no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico).

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema rimático ABBA.

539

[ADB, Ms. 537, f. 9r.]

N'UMA CONFEITARIA

Se um poeta decadente agora a visse!
Um poetastro asinal agora, vendo-a
3 N'esta scena voraz da golodice
4 Diria: «quem me dera ser amendoa!»

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

540

[ADB, Ms. 536, p. 139.]

TOUT PASSE

Não sei se o caso é de pranto,
Mas a saudade em mim chóra
O tempo em que eu tinha, outrora,
Um namôro a cada canto.

É que tinha n'alma o canto
Das aves saudando a aurora...

7 Esse tempo foi-se, e agora
8 Já não acho ao «flirt» encanto.

9 Tenho o gôsto pervertido!
Não digo que esteja gasto:
Mas não acho divertido

12 Um amor ingenuo e casto:
13 Faz-me o effeito do cozido
Das velhas casas de pasto!

19-IX-97.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/
CDC/DCD.

[*Novos e Velhos*. S. I, n.º 12 (20 de julho de 1897), p. 196.]

NA VARETA D'UM LEQUE

Poeta de humor execravel,
Desenho n'èsta vareta
Um madrigal pouco amavel,
Uma estrophe de etiqueta.

Mas... sobre a mão delicada,
Que move o leque subtil,
Seria a estrophe gravada
8 A traços d'outro buril.

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

1. Deve considerar-se um sinérese em *Poeta*.

[*Arte Livre*. Ano I, n.º 10 (5 de setembro de 1897), p. 73.]

O CANTO DO CYSNE

(*A Albano Bellino*).

Era um bardo instrumentista
Em zigzagues perfeito.
Um boi perfurou-lhe o peito,
4 E vae morrer: pobre artista!

Sentindo fugir-lhe a vista,
Deitado n'um triste leito,
7 Todo em lagrimas desfeito
Diz, com mágoa que contrista:

«Desfaz-se-me ésta alma em pranto
Nas angústias d'êste aneio:
11 Hora de horror e de espanto!

«Oh lua, volvo ao teu seio!
Êste o meu último canto,
14 Êste o meu último orneio!»

29-VIII-97.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*O Gabinete dos Reporteres*. Ano IV, n.º 77 (outubro de 1898), p. 4.]

A RECEITA

– «Não ando nada bom; não sei que trago
Que me faz andar mal (diz-me o visinho)
Tomo o Gerez? Que diz? Tomo Vidago?»
– «Ácerca de aguas... o melhor é o vinho».

3. Refere-se a duas conhecidas captações de água mineral, usada no tratamento de problemas digestivos.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 4.

[A *Ilustração Moderna*. Série II, n.º 4 (1 de fevereiro de 1899), p. 12.]

CONSELHO AMIGAVEL

3 Não és mulher d'agua mórna,
E sempre na brecha, têsa,
Até recostada á mesa
Mettes a idéa á bigorna!

Mas, a Lei não se transtorna:
¿Não te deu a natureza
Duas pômas, a belleza,
E tudo o mais que te adorna?

9 Não viste a teus pés o abysmo:
10 O vinho entre nós é brasa,
Fluido em chammas no organismo:

12 Tinhas uns greiros na aza,
E fizeste socialismo!
Faze antes meias... em casa.

23-1-99

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

11. Deve considerar-se uma sinérese em *Fluido*.

545

[A *Chronica*. N.º 3 (abril de 1900), p. 2.]

EGOISMO DISFARÇADO

- 1 Dizia-me a bella Agláis:
– «Se chove, vôas, não corres;
Se dá vento já não sáes:
4 Que prudencias, que pachôrras!»
5 – «É que se eu môrro, tu morres,
6 E eu não quero que tu môrras.»

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABACBC.

546

[A *Chronica*. N.º 9 (abril de 1900), p. 1.]

OURO É...

- Era muito coquette, e muito dada.
2 – «Tu prendes (eu lhe disse) os corações!»
Riu ditosa, e com voz adocicada:
4 – «Dize: e então quanto valho?» – «Dez tostões.»

10-IV-900.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

[A *Chronica*. N.º 8 (maio de 1900), p. 3.]

PETIÇÃO DE UM LADRÃO A UM REI, SEU VIZINHO*
(De Lacenaire)

- (*) Luiz Filippe.
- 2 Senhor! Lêde a petição
 2 D'um que chega das galés:
 3 Vós sois rei, eu sou ladrão,
 4 Não destôo a vossos pés,
 Eu odeio a gente honrada,
 Sou baixo, grosseiro e vil,
 Em honra não valho nada:
 Fazei-me guarda civil.
- 9 Eis-me policia! Excelente!
 10 Mas, – é magra a recompensa;
 A comer se aguça o dente;
 Vamos, Senhor! sem offensa...
 Sou feroz como um molósso,
 14 D'um saguy tenho a malicia;
 15 Senhor, nomeae-me vosso
 Commissario de policia.
- Um commissario condigno!
 18 Por dia, prisões – um cento.
 Mas, tal cargo não é digno
 D'um homem do meu talento.
 Sei devorar o thesouro,
 Emmaranhar um registro,
 Não sou mais que um sorvedouro:
 Fazei-me vosso ministro.

Título. Estamos perante uma tradução da “Pétition d'un voleur à un roi voisin”, do poeta e criminoso francês Pierre-François Lacenaire (*1803 †1836). Enquanto o original se dirigia ao rei Charles X de França, esta versão tem como destinatário o príncipe herdeiro português, D. Luiz Filipe. A este propósito, leia-se a nota explicativa no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico).

14. Sagui é uma espécie de macacos de pequeno porte.

Mas, Senhor, outro desejo
26 Vou exprimir; – um pedido
27 Que talvez, como prevejo,
Não será bem recebido.
Sou mau, canalha, inclemente,
30 Aváro, feroz, alvar;
Fiz enforcar um parente...
Cedei-me o vosso lugar!

Este poema é composto por quatro oitavas em redondilha maior, privilegiando ao esquema rimático ABABCDCD.

[*Almanach Illustrado do Brasil-Portugal para 1901*. Ano II, 1900, p. 14.]

O que ha de ser o seculo futuro?
Vocês não querem saber mais do que isso?
Bem. Ha de ser – neste almanach o juro –
O reinado do paio e do chouriço.

1. Este poema responde a uma solicitação dos redatores do almanaque, assinalando a entrada do novo milénio. A este propósito, leia-se a descrição do testemunho (vd. Aparato Crítico).

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Os vv. 1 e 4 são decassílabos heroicos, sendo os restantes sáficos.

[*A Ilustração Moderna*. Ano III, n.º 4-5 (maio de 1902), p. 8.]

GARRETT

- 1 O corpo, sim, morreu: mas insepulta
- 2 Tu'alma vôa a regiões distantes,
E quanto mais se afasta, mais avulta
- 4 Para nós, entre os astros deslumbrantes!

Maio, 1902.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 2.

[ADB, Ms. 541, p. 34.]

UM BIBLIOPHILO

Sentado n'uma cáthedra d'espaldas,
 Entre os seus livros, bibliotheca immensa,
 Taciturno, o doutor Pereira Caldas,
 Bibliothecario de si mesmo, pensa.

Em que? Em que talvez n'uma outra vida
 6 Não haja livros, não se aprenda a lêr.
 «Se assim fosse, exclamou com voz dorida,
 8 «Antes mil vezes nunca mais nascer!»

3. José Joaquim da Silva Pereira Caldas (*1818 †1903) foi um dos professores decanos do liceu de Braga e examinador de João Penha, em 1862. Desenvolveu estudos nas áreas da literatura, história, política, ensino e ciências.

Este poema é constituído por duas quadras, obedecendo a um esquema de rima cruzada. Os vv. 1, 3, 6 e 7 são decassílabos heroicos, sendo os restantes sáficos.

551

[*Homenagem aos Heróis do 1.º de Dezembro de 1640*. 1904, p. 9.]

EM PROSA

Não sei cantar de heróis, por mal seguro
2 De poetico vigor: sou dos anémicos;
3 Por isso me restrinjo a unir, obscuro,
Um viva aos dos fogosos academicos.

27-XI-04.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

[*Almanach de Santo Antonio para o Anno de 1908*. 1907, p. 273.]

AMOR DIVINO
(Seculo XVII)

Não me move, meu Deus, para querer-te
A promessa do ceu appetecido,
Nem as penas do inferno, tão temido,
4 Para deixar por isso de offender-te.

Tu me moves, Senhor, move-me o vêr-te
Pregado n'essa cruz e escarnecido,
Move-me o ver teu corpo tão ferido,
Ver-te cheio de affrontas, morto, inerte!

9 Une-me ao teu amor tão fundo enlace,
Que se o ceu, que se inferno não houvera,
Não faria com que eu te não amasse.

Não és meu devedor. Alma sincera,
13 Se o que espero de ti, não no esperasse,
14 Assim como te quero, te quizera!

(Tr. do castelhano)

Título. O poema constitui tradução de um anónimo espanhol. A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Todos os versos são decassílabos heroicos.

[*A Época*. Ano VI, n.º 277 (8 de janeiro de 1908), p. 1.]

LAMBAÇA

1 Li com gaudio a tua carta
Que bem me cauzou surpresa.
Muito me ri! ri-me á farta
Da tua alegre franqueza.

Explora, amigo, essa veia.
6 Nunca d'êste a conhecel a,
Nos bons tempos da lampreia,
E do sável na Camêla.

Tudo muda, quanto existe;
10 Por mais que a gente se regre,
Passa de jocunda a triste:
12 Só tu, de sombrio a alegre!

13 Béne, béne, diz Moliére;
14 Soberbo! digo eu tambem;
Mas, ouve o que me sugere
16 Uma linha que lá vem...

É bem possível, Lambaça,
Que eu bebesse um cangirão,
Mas, sem o pagar, de graça,
Isso, José, isso não.

Título. Refere-se à alcunha do magistrado e antigo companheiro de Penha em Coimbra, José Joaquim Pinto. O poema constitui réplica a uma carta que este amigo publicara em número anterior d' *A Época* (vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico).

8. Nesta célebre tasca coimbrã, gerações de estudantes cearam o mais famoso peixe frito de Coimbra.

13. Alude à recorrente fala do Coro, na comédia de Molière, *Le Malade Imaginaire* (1673).

Nem sei quem fosse o tirano
22 De que falas: em resumo:
Atribuo o teu engano
Às parras d'outr'ora, ao sumo.

Quanto ao mais, Lambaça amigo,
26 Não me enfio na contenda.
O cazo não é comigo:
Que cada qual se defenda.

Este poema é composto por sete quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

2. Inéditos e privados



554

[BPMP, M-AF-1133.]

DES SAGES CONSEILS A MR. J. MACHADO
 sous une grave accusation de sa jeune femme,
 Mme. Virginia Machado, née S. Romão

Fi donc, Monsieur le mari!
 Vous êtes trop capricieux!
 Si vous en êtes épris
 Ne voyez que par ses yeux.

Ceci, Monsieur, c'est la règle
 Que vous suivez à tout âge:
 Soyez gai, si elle est espiègle,
 Une momie, si elle est sage.

C'est la loi la plus ancienne,
 Ne la transgressez pour rien:
 La femme est toujours la reine,
 Le mari son petit chien...

29-5º-91

Título. Trad. do Francês: «Sábios conselhos ao Sr. J. Machado | sobre uma grave acusação de sua jovem esposa, | Sra. Virginia Machado, nascida S. Romão. || Que vergonha, Sr. marido! | Você é muito caprichoso! | Se está apaixonado, | Veja só com os olhos dela. || Isso, senhor, é a regra | Que segue em qualquer idade: | Fique alegre, se ela estiver mordaz, | Uma múmia, quando andar sossegada. || É a mais antiga lei, | Não a transgrida por nada: | A mulher é sempre rainha, | O marido o seu cãozinho...». *Título e subtítulo.* Refere-se a uma das primas maternas de João Penha e seu marido, José de Sousa Machado (*1860 †1934), que cursou Direito e foi secretário da Câmara Municipal de Braga.

Este poema é constituído por três quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

555

[BPMP, M-AF-1148.]

BRINDE PARTICULAR
a Anthero de Figueiredo
no centenario de Michelet

Que cousas de riso ou dó
Por esse mundo não vi!
O que penso digo-o a ti,
Mas digo-o para ti só:

Para contos minha avó;
Para canções a Mimi;
Para facécias Mery;
Para nébias eu ou Job;

Para valsas O. Metrâ;
Para sermões Bossuet,
Ou qualquer padre de cá;

Para a poesia Musset;
Para o romance Zola;
Para a historia Michelet.

28-XI-98.

Subtítulo. Antero de Figueiredo (*1866 †1953) foi o amigo mais fiel que Penha manteve no mundo das letras, a ele dedicando vários escritos privados.

6. Alude à heroína da ópera *La Bohème* (1896), de Giacomo Puccini.

7. O escritor e dramaturgo francês Joseph Méry (*1797 †1866) obteve grande êxito no seu tempo, pela graça e desenvoltura das suas obras.

8. Alude à personagem bíblica e a todas as desgraças que o atingem.

9. Ao maestro e compositor francês Jules-Louis-Olivier Métra (*1830 †1889) atribuem-se algumas das valsas mais aclamadas do séc. XIX.

10. Trata-se do pregador e teólogo francês Jacques-Bénigne Bossuet (*1627 †1704).

12. Refere-se ao poeta romântico Alfred de Musset (*1810 †1857).

13. O romancista francês Émile Zola (*1840 †1902) é considerado o fundador do Naturalismo.

14. Trata-se do filósofo e historiador francês Jules Michelet (*1798 †1874), cujo primeiro centenário do nascimento se assinalou a 21 de outubro de 1898.

A rima deste sonetinho em redondilha maior obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

556

[BPMP, Ms. 2012, p. 209.]

ESTROPHE

(Para ser bordada por uma senhora)

Assim como na tela encantadora
 A Lebrun, com mão firme, reproduz *
 Aquella a quem ja dera a vida e a luz,
 Assim a vossa mão, gentil senhora,
 Os pensamentos graves que produz.

* M.^{lle} Vigée-Lebrun et sa
 fille – portrait peinte par
 elle même.

3. Refere-se ao quadro *Madame Vigée-Le Brun et sa fille, Jeanne-Lucie, dite Julie* (1786), da pintora francesa Élisabeth-Louise Vigée-Le Brun (*1755 †1842).

Esta quintilha em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABBAB.

557

[BPMP, Ms. 2012, pp. 227-228.]

SANTO ANTONIO

Santo Antonio de Lisboa
Não é rico e pede esmola:
Á mais humilde pessoa
Estende a larga sacola.

Cada qual paga o tributo
Segundo as posses que tem:
Muito, o que vive impolluto
Pouco, o que o vicio retem.

Tudo acolhe o bom do santo
Em sua infinda bondade,
Porque assim enxuga o pranto
Da infeliz humanidade;

Que nos dá, quando a desgraça
Nos perturba o coração,
Por cada esmola uma graça,
Por cada prece um perdão.

Por isso, da nossa Igreja
Luz de eterna claridade,
Todo o povo hoje o festeja
Em terras da christandade.

Dorme em Padua o ultimo somno,
Contra vontade, talvez;
É elle o nosso patrono,
Gloria ao santo portuguez!

9-6-95

Título. Este poema integra-se nas comemorações do ano jubilar do nascimento de Santo António de Lisboa (*1195 †1231), que o Seminário Franciscano de Montariol (Braga) organizou em 1895.

Este poema é composto por seis quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

558

[ADB, Ms. 536, p. 140.]

CONFIDENCIAS

- 1 Conversavam a sós. – «Diz: qual preferes
 (Pensa bem, e responde-me depois)
 «Um bacharel formado... ou um alferes?
 «Se já pensaste, diz.» – «Prefiro... os dois.»

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

559

[ADB, Ms. 536, p. 141.]

AO TOUCADOR

- «Oh Rosa, um cabelo assim,
Mar em ondas empolado,
3 Tão loiro, bello e comprido,
Esse teu formoso adôrno,
Só deve ser alizado
Com pentes d'oiro e marfim,
E não com pente de côrno!»
– «É o pente de meu marido.»

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABCDBADC.

560

[ADB, Ms. 536, p. 144.]

ENTRE AMIGOS

- «Deixa lá essa begonia,
E vem conversar commigo.»
- 3 – «Ah! bem sei, o thêma antigo:
O do futuro da Antonia.
- «Respondo sem acrimonia:
Não caso com ella, amigo.»
- 7 – «E porque?» – «Sempre to digo:
Por causa da cerimonia.»
- «Da cerimonia? É de rir.
E não pensas um momento
Que lhe destroes o porvir?»
- «É que fiz o juramento
De nunca em meus dias ir
Ao meu proprio casamento!»

A rima deste sonetinho em redondilha maior obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

561

[ADB, Ms. 536, p. 153.]

PARA NAMÔRO

- 1 Quando esses teus olhos fito,
- 2 Esses astros tão leaes,
Sinto um prazer infinito,
- 4 E às escondidas, dou ais.

Esta quadra em redondilha maior obedece a um esquema de rima cruzada.

562

[ADB, Ms. 536, p. 155.]

GRAVE

Nasceu grave, e sempre grave
Tinha o verbo e a caramunha;
E, mesmo fechado à chave,
Com gravidade se punha.

Por fim, morreu tal qual era,
No vigor da seriedade,
Dum coice que outro lhe dera,
No centro da gravidade.

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

563

[ADB, Ms. 536, p. 181.]

LAUSPERENNE

- «Homem de Braga, que diz?
2 Que foi que lhe deu mais gosto
3 Na exposição de Paris?»
– «Foi ver o senhor expôsto!» *

* O autor da quadra, a pedido, expoz alguns dos seus productos intellectuaes na exposição de Paris, para serem lidos, atravez das respectivas encadernações, por todos os povos do globo.

Título. Refere-se à exposição continuada do Santíssimo Sacramento (a hóstia consagrada) à adoração dos fiéis.

1. Sobre o contexto que rodeou a composição, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

3. Refere-se à Exposição Universal de 1900 em Paris, onde João Penha teve as suas obras expostas. A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

564

[ADB, Ms. 537, f. 5v.]

O INFANTE D. HENRIQUE
(No centenário)

- Colossal, na penumbra do passado,
 2 Nas molduras não cabe d'um soneto:
 3 Cante-o um Camões no plectro sublimado,
 Desenhe-o, immorredeiro, um Tintoreto.

3-4. Refere-se a dois dos maiores génios artísticos da cultura ocidental: o poeta português Luís de Camões (*ca. 1524 †1580) e o pintor veneziano Jacopo Comin (*1518 †1594), também conhecido como Tintoretto.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

565

[ADB, Ms. 537, f. 9r.]

MADRIGAL

Seja o infeliz quem fôr, mulher querida,
Se te vir essa face, ideal e pura,
Ja não pode dizer que n'esta vida
Não gozou um momento de ventura.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos. Deve considerar-se uma sinalefa em *Seja o infeliz*.

566

[ADB, Ms. 537, f. 45v.]

EPITAPHIO

- 1 Se lá no eterno azul do ceu profundo,
- 2 N'essa mansão dos anjos, onde brilhas,
Memorias se comentam d'este mundo,
Mãe, abençôa as lacrymosas filhas!

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 4.

567

[ADB, Ms. 537, f. 46r-46v.]

A FADA
(Versos antigos de Lacenaire)

Ente divino, oh casta formosura,
Sonho em que vivo desde a tenra infancia,
Espírito gentil, ou creatura,
Escuta os sons da derradeira estancia!
Tu me foste no pélago da vida
A luz que me guiava entre escarceus:
Ja vejo o porto, e a alma embebecida
Vae demandar-te no esplendor dos ceus!

Procurei-te nos porticos brilhantes
Onde a turba dos aulicos impera;
Procurei-te nas choças vacilantes
E só vi uma sombra, uma chimera.
Quem sabe se o esplendor da tua aurora
Me offuscaria em sua luz ideal!
Vela por mim, oh tu, que esta alma adora,
Espera-me nos ceus, fada immortal!

Sonhava-te na gruta dos rochedos,
Quando o vento gemia sibilante;
Sonhava-te no bosque, entre arvoredos,
Aos accórdes da cythara vibrante.
É que tu eras a visão suprema,
De um coração doente a filha ideal!
Vou emfim decifrar esse problema:
Espera-me nos ceus, fada immortal!

Subtítulo. Estamos perante uma tradução do poema “La sylphide”, de Pierre-François Lacenaire (*1803 †1836). A este propósito, leia-se o Arquivo documental, no Aparato Crítico. Vd. também o texto editado no n.º 730.

Sonhei-te no verdor da minha idade,
Fulgurante de luz, radiosa estrella;
Pobre e triste, nas sombras da saudade,
Sonhava-te a chorar, inda mais bella!
Mas, da morte já ouço a voz sombria,
Eis desfeita a visão angelical.
Já nada ha que me prenda á terra fria:
Espera-me nos ceus, fada immortal.

Este poema é constituído por quatro oitavas, obedecendo ao esquema rimático ABABCDCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 4, 8, 14 e 21.

568

[ADB, Ms. 540, p. 55.]

O ADEUS

A Zulmira de Mello

Fulminas! Não ha ninguem
Que ao ver-te, n'esse esplendor,
Não fique, branca cecém,
Perdido, louco d'amor!

E partes! A minha estrella
Vae cobril-a a cerração!
Dor cruel! Tu, vae com ella
Meu rendido coração...

Dedicatória. Refere-se à jovem Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha, que aparece celebrada em várias composições.

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

569

[ADB, Ms. 540, p. 65.]

COMEDIA ACTA EST

Não te finjas pesarosa,
 Porque isto não vale a pena.
 Eras bem boa pequena:
 Comparei-te ao lírio, á rosa.

Amei-te. Mas, és formosa,
 Precisas mudar de scena.
 Ou seja branca, ou morena,
 A mulher é isso: a Prosa.

Se um dia pescares algum,
 Eu quero assistir ao brodio,
 Alegre como nenhum.

Nem por ti sentirei odio!
 O caso é vulgar, commum:
 Que foi isto? Um episodio!

Título. No teatro antigo, esta locução latina era empregada no final de uma representação. Trad.: “Acabou a comédia”.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

570

[ADB, Ms. 540, pp. 77, 94.]

ORLANDO FURIOSO

Não sou Magriço que uma dama afflicta
Em prol de sua honra me chamasse.
Venho espontaneo e descoberta a face,
Sem capacete e arnez, sem lança em riste;

Dizer-te que no mundo não existe
Um asno que em villeza te ultrapasse.
Vate das hortas de cabrito e alface,
8 Onde os dinheiros de teus paes fundiste,

Andas ao natural, se andas de gatas.
Mestre perito em lingua de marujas
Entre os vêsgos das sombras arrebatas!

Tu não és da familia das corujas
Porque orneias, mas limpa-me essas patas,
Porque Ella é um anjo, e, no que tocas, sujas.

Título. Alude ao mítico cavaleiro da armada de Carlos Magno, que inspirou o poema épico de Ludovico Ariosto, *Orlando Furioso* (1516-1532).

1. Refere-se ao cognome de Álvaro Gonçalves Coutinho, o mais afoito cavaleiro luso que integrou a mítica expedição dos Doze de Inglaterra. Segundo a lenda imortalizada por Camões, estes paladinos rumaram à Grã-Bretanha, para aí defenderem a honra de doze damas ofendidas.

A rima deste soneto obedece ao esquema irregular ABBC/CBBC/DED/EDE.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 3, 7, 8 e 14.

571

[ADB, Ms. 541, p. 38.]

CAHIDA DO PEDESTAL

Era ardente como a lava
 Mas fresquinha como alface,
 E como eu me declarasse
 Era em pouco minha escrava.

Dizia que se matava
 Se eu um dia a abandonasse,
 Mas, estranho desenlace!
 Quando eu menos o esperava,

Viu um de fórma galharda
 A fazer-lhe o pé d'alferes;
 11 Namorou-se-lhe da farda:

«Aqui me tens se me queres.»
 Que bom! livre-me da albarda:
 O diabo as leve, as mulheres!

10. Esta expressão coloquial equivale a “requestá-la” ou “namorá-la”.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

14. Deve considerar-se uma sinérese em *diabo*.

572

[ADB, Ms. 541, p. 65.]

TROVAS

Eu andava a procurar-te,
Como o philosopho antigo,
De brandão, por toda a parte,
Num sonho dilecto, amigo.

Andei de brandão accêso
Até que enfim te encontrei:
Tu vales mais que o teu pêso
Em oiro fino, de lei.

Procurei-te em toda a parte,
Ave do meu paraiso.
Brandão, já posso apagar-te,
Eu já de ti não preciso!

Oh avezinha canóra
Que vieste ao meu reclamo!
Só a ti minh'alma adora,
Só a ti, Zulmira, eu amo!

2. Refere-se a Diógenes de Sínope, o cínico filósofo da Grécia Antiga, que em plena luz do dia percorria as ruas com uma lanterna, em busca de um homem honesto.

14. Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964) era, desde 1900, a discípula amada de Penha, que lhe devotou uma afeição perene ao longo dos anos.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

573

[ADB, Ms. 541, p. 71.]

MADRIGAL

«Neste jardim da Europa, á beira-mar plantado»
Onde tu és, Zulmira, a mais celeste flôr,
Jardineiro feliz, por todos sou odiado.
Porque me déste, oh anjo, o teu divino amor.

1. Cita-se o v. 17 do poema “A Portugal”, incluído no livro *D. Jaime* (1862), de Tomás Ribeiro (*1831 †1901): “Jardim da Europa à beira-mar plantado”.

2. Refere-se à jovem Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha, que aparece celebrada em várias composições.

Este madrigal, composto em alexandrinos clássicos, obedece ao esquema de rima cruzada.

574

[ADB, Ms. 541, p. 77.]

DUPLO MADRIGAL

O BARDO

(a *Zulmira*)

Se olhos tivessem as rosas,
As obras-primas de Deus,
Em vão seriam formosas
Sem uns olhos como os teus.

Dedicatória. Trata-se da jovem Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha.

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

[ADB, Ms. 541, p. 77.]

O CRITICO

(*Ao bardo*)

Não faças versos, faz prosas,
Oh poeta d'aguada lyra,
Que do tamanho de rosas
São os olhos de Zulmira.

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

2. Deve considerar-se uma sinérese em *poeta*.

575

[ADB, Ms. 541, pp. 78-79, 107.]

VERSOS A ZULMIRA
(que anda a colleccionar a palavra amor
em todas as linguas)

Andas á cata d'amores
Por todo esse mundo em fóra,
3 Como em procura de flores
Anda a abelha, que as namora,

Mas, alfim, verás, Zulmira,
Que o que mais te ha de agradar
É o que em mim por ti suspira,
Mais profundo do que o mar,
Mais doce que um som de lyra
10 N'uma noite de luar;

Mais doce do que a ambrosia,
Esse nectar embriagante,
Que no Olympo se bebia
Em taça d'oiro e diamante;

Mais ardente do que a lava
Que uma cratera vomita
Que me fez minh'alma escrava
Da tua graça infinita,

Do teu coração celeste,
D'esses encantos, só teus,
Que generosa me deste
Fazendo de mim um Deus!

Título. Trata-se da jovem Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha.

11-14. Na Grécia Antiga, ambrosia era o manjar servido aos deuses do Olimpo, juntamente com o néctar divino. O doce aroma tinha a particularidade de tornar imortais os humanos que dela provassem.

Este poema é constituído por cinco madrigais em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

576

[ADB, Ms. 541, p. 91.]

ENCYCLICA

Todo aquelle que dissér
 Que Zulmira, a minha amante,
 Não é formosa, elegante,
 Uma divina mulher,
 E do seu amor duvide,
 Anathma sit.

E se disser que João Penha
 Não a adora, ama, estremece,
 Como ella, esse anjo, merece,
 E para a ter não se empenha,
 Não anda em constante lide,
 Anathma sit.

Título. Encíclica é um documento pontifício, dirigido a todos os membros da Igreja Católica.

2. Trata-se da poetisa Zulmira de Melo (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha.

6. Esta expressão latina, que remonta ao Grego “anathema esto” (Gl, 1: 9), é usada pelas autoridades eclesiásticas, para declarar a excomunhão de alguém. Trad.: “Que seja excomungado”.

Este poema é constituído por dois madrigais, combinando versos heptassilábicos e com o quebrado tetrassílabo. A rima obedece ao esquema ABBACD.

577

[ADB, Ms. 541, pp. 92-93.]

OS DOUS LIRIOS

Junto á sonora Castalia
Vibrei as cordas da lyra.
Veio correndo a Nathalia,
Veio atraz d'ella a Zulmira.

Disse á primeira: «Bonina,
És inda um botão de rosa:
É risonha a tua sina:
Serás amada e ditosa.

Disse á segunda: «Um diadema
A fronte eburnea te cinge,
Tens a belleza suprêma;
Mas, que és tu, oh branco esphyngé?

Não: não quero decifrar-te,
Fôra canceira perdida,
Porque te amo mais que a Arte,
Mais que a honra, mais que a vida!

1. Castália era uma das fontes inspiradoras, situadas na base do monte Parnaso, que estavam consagradas a Apolo e suas Musas.

2-3. Refere-se à discípula de Penha, Zulmira de Melo (*1879 †1964), e sua jovem irmã, Natália.

12. Alude à esfinge grega do mito de Édipo, o terrível leão com cabeça de mulher, que ameaçava estrangular todos aqueles que se revelassem incapazes de decifrar o enigma.

Este poema é constituído por quatro quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

578

[ADB, Ms. 541, p. 95.]

ZI A ZÚ

Mordia-lhe uma pulga os delicados
Pomositos d'amor, em seus esquinios.
– Morre, infame! eu lhe disse em altos brados,
Que ousaste vir sugar nos meus dominios!

Título. Estas formas de tratamento carinhosas eram usadas na intimidade por João Penha e sua jovem amada Zulmira de Melo (*1879 †1964).

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

579

[ADB, Ms. 541, p. 95.]

NUM POSTAL
Pio decimo

Pio, da Igreja columna,
Que vês a Christo de face,
Pede ao bom Deus que nos una,
Que nossas almas enlace!

Subtítulo. Refere-se ao 257.º Papa da Igreja Católica, Giuseppe Melchiorre Sarto (*1835 †1914), cujo pontificado se inaugurou em 1903.

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

580

[ADB, Ms. 541, p. 100.]

LINDA, HONESTA E VAIDOSA

Ella julga uma desfeita
Que eu, mesmo a sonhar, a veja.
Mas quando a noite se deita,
(Como ella é má!) tem-me inveja!

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

581

[ADB, Ms. 541, p. 100.]

BOAS FESTAS A D. NATHALIA DE MELLO
(Num postal com uma rosa)

João Penha á Nathalia, a bella,
Hoje envia, timorato,
Esta rosinha singela:
Envia-lhe o seu retrato.

O delle? Oh! não, mas o délla
(Não se confunda ninguem)
A mais divina, a mais bella,
Das rosas que o mundo tem.

Título. Refere-se à jovem Natália da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade, irmã mais nova da discípula de João Penha, Zulmira de Melo.

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.
1. Deve considerar-se uma sinérese em *João*.

582

[ADB, Ms. 541, pp. 102-103.]

ENVOI DE BOAS FESTAS

(a Zulmira de Mello)

Eu n'este dia de festa
 Que posso mandar-te? apenas,
 Do que em mim vejo e me resta
 Tristes cuidados e penas.

Desde quando, e estou a olhar-te,
 Eu te vi, tudo te dei,
 Nem mais eu podera dar-te
 Se fosse príncipe ou rei.

Dei-te a minh'alma, incendiada
 No mais puro e leal amor,
 Dei-te o coração, a vida,
 Meus cantos de trovador.

Nem em mim agora vivo:
 Vivo em teu peito leal,
 Como um rouxinol, captivo
 Na sua prisão fatal.

Que dar-te, pois? tristes penas?
 Oh! isso não, anjo lindo.
 Olha: dou-te as minhas pennas
 Que Apollo me deu no Pindo.

Título. Tradução do Francês: “Envio” ou “Mensagem de Boas-Festas”.

Dedicatória. Refere-se à poetisa Zulmira de Melo (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha.

20. O Pindo é uma cadeia montanhosa grega, onde algumas fontes clássicas situavam a morada de Apolo (deus da poesia) e suas Musas.

Este poema é constituído por quatro quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.
 10. Deve considerar-se uma sinérese em *leal*.

583

[ADB, Ms. 541, p. 103.]

A ZUZÚ
(Z. de M.)

Chamares-me cão maldito,
A mim, ao teu amoroso,
Não, Zuzú, não é bonito!
Antes então cão tihoso,

Que assim lhe chamam, coitado!
Ao lendario Belzebuth,
O sempiterno babado
Por mocinhas como tu.

Subtítulo. Refere-se à poetisa Zulmira de Melo (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha.
6. No imaginário bíblico, Belzebu é o príncipe dos demónios do Inferno.

Este poema é constituído por duas quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

584

[ADB, Ms. 541, pp. 106, 107.]

O MEU SOL
(Madrigal a Zulmira)

Que uma noite, de seis meses,
De treva os pólos cobria,
Isto o ouvi por muitas vezes,
E comtudo não no cria.

Vejo agora que é possível
Esse phenomeno triste:
Vi o ceu em treva horrivel
Desde, Zuzú, que partiste,

E logo que, de Lanhoso,
Onde o meu sol se escondia,
Tu desceste, o sol radioso
12 Transformou-me a noite em dia.

Subtítulo. Refere-se à jovem Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964), a discipula amada de João Penha.

9. Era na Póvoa de Lanhoso, junto a Famalicão, que se situava a Casa das Agras, solar da família Ferreira de Melo.

Este poema é constituído por duas quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

585

[ADB, Ms. 539, p. 18.]

ALECRIM DO NORTE E LILAZ DA PERSIA

Sahiu da sua habitual inercia
O doudo apaixonado de Alecrim.
Era o seu nome o de Lilaz da Persia,
Antigo tangedor de bandolim.

Prendera-a com furor, mas ella, casta,
Não lhe dava mimi, não dava o sim,
E só dizia: «Lilazinho, basta!

8 Não me mates, cruel; tem dó de mim!»

* Nota explicativa:

Lilaz da Persia: o poeta João Penha; Alecrim do Norte: Zulmira de Mello; Mimi: a sua voluptuosa bôcca.

3. Sobre este pseudónimo, vd. também o Aparato Crítico do poema n.º 147.

Este poema é composto por duas quadras, obedecendo ao esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 3 e 7.

586

[ADB, Ms. 539, p. 33.]

A ZULMIRA

Não te mando boas-festas,
Arroz doce ou pão de ló,
Que são cousas indigestas
E de estylo rococó.

Desejo-te o que desejas:
Dias alegres, risonhos,
E sobretudo que vejas
Realizados os teus sonhos.

Título. Refere-se à jovem Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha, que aparece celebrada em várias composições.

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

587

[ADB, Ms. 539, p. 34.]

NATHALIA
(Num postal ilustrado)

Toda virginal, em fôlha,
Uma rosita em botão,
Tens o direito de escôlha,
A ti compete a eleição.

Quem será o venturoso
Ninguém por enquanto o diz;
A esse o suprêmo gôzo
De te amar e ser feliz.

Mas, segue o exemplo á Zulmira:
Dá de mão aos varios zótes,
Que vos cortejam na mira
Dos vossos pequenos dotes.

São pulhas, reles e mômos;
Fugi, fugi de taes pestes,
Que sois dignas de thrônos,
Ambas divinas, celestes.

Título. A jovem Natália da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade era a irmã mais nova de Zulmira de Melo (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha.

Este poema é composto por quatro quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

15. Deve considerar-se uma epêntese em *dignas*.

588

[ADB, Ms. 539, p. 36.]

Á NATHALIA

Fora atroz descortesia,
 Digna de grave censura
 Deixar passar este dia,
 4 Para todos de ventura,

Sem cumprir o meu dever
 Para com Nathalia, a bella,
 Assim, venho com prazer,
 De joelhos aos pés d'ella,

Offertar-lhe não a lyra,
 Meu amor e minhas penas,
 Que tudo dei a Zulmira,
 Mas um ramo de verbenas.

Título. A jovem Natália da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade era a irmã mais nova de Zulmira de Melo (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha.

Este poema é composto por três quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

589

[ADB, Ms. 539, p. 37.]

N'UM POSTAL
(Letra Z.)

Todo aquelle que disser
Que a minha doce Zulmira,
Esse typo de mulher
Que o mundo inteiro admira,

Não é deusa, nem é musa,
E tem muito quem a valha,
– Ou do cangirão abusa,
Ou é tôle ou come palha.

Título. Refere-se à jovem Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha, que aparece celebrada em várias composições.

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

4. Deve considerar-se uma diálise em *Que o*.

590

[ADB, Ms. 539, p. 40.]

SOUVENIR
(Le 20 juillet 1904)

Eu não posso dizer-te, Zuzurinha,
O que em mim sinto, o que meu peito encerra.
Mas, ás estrellas eu direi: «É minha
A que vos vence, em seu fulgôr, na terra!»

1. Refere-se à jovem Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha, que aparece celebrada em várias composições.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo sáfico, mas é heroico o v. 1.

591

[ADB, Ms. 539, p. 41.]

NO LEQUE DE

- 1 Eis o que eu n'uma sala te diria,
- 2 Se um sorriso me desse essa affouteza:
- 3 «Em ti resplende, alliada á sympatia,
- 4 A graça d'uma poetica belleza.»

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

592

[ADB, Ms. 539, p. 42.]

PRIÈRE

- 1 Pelo amor, que lhe consagras,
Se nunca mentiu mimi,
La n'èssas longinquas Agras
Não te esqueças do teu Zi.

Sê-lhe leal e não faças
Qualquer cousa que denigre,
Que Zi não é para graças:
É ciumento como um tigre.

Título. Tradução do Francês: "Prece".

2. Mimi era a designação carinhosa com que João Penha se referia à boca de sua amada. Vd. poema n.º 585.

3. Alude à Casa das Agras, o solar da família Ferreira de Melo (na Póvoa de Lanhoso), onde vivia a jovem Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964).

4. Esta forma de tratamento carinhosa era usada na intimidade pela jovem Zulmira de Melo, a discípula amada de João Penha.

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

593

[ADB, Ms. 539, p. 42.]

ENVOI

- 1 Mon âme, pars dans ce pli,
Et devant son coeur si doux
- 3 Fais tes aveux et lui dis:
«Je t'aime d'amour, Zouzou!»

Título. Tradução do Francês: “Envio || Minha alma, parte nesta carta, | E diante do seu coração tão doce, | Confessa-te e diz-lhe: | «Eu amo-te, Zouzou!»”

4. João Penha usava esta forma de tratamento carinhosa para se referir, na intimidade, a sua amada, Zulmira de Melo.

Esta quadra em redondilha maior obedece a um esquema de rima cruzada.

594

[ADB, Ms. 539, pp. 53, 90.]

CARNIVORO

O homem, pobre diabo incongruente,
É bicho, diga a Sciencia o que disser,
3 Que de carne se nutre, unicamente
4 Come a de boi, devora a da mulher.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

595

[BPMP, M-AF-1170(2)]

AO JAPÃO
(A propositto do terremoto)

Venceste o Urso ladrão,
2 Venceste a grande batalha,
Mas, tem cautela, Japão:
4 Bouddha ronca, Bouddha ralha!

Horriavel tremor de terra
Te revolveu as entranhas:
7 Basta; valente, de guerra,
8 Basta d'horridas façanhas!

A derrocada horroriza,
Tambem ja rosna a canalha:
Vê, Japão, que o ceu te aviza:
Bouddha ronca, Bouddha ralha!

13 Do ventre da terra hiante
14 Sahiu medonha farronca:
15 Não te faças arrogante:
16 Bouddha ralha, Bouddha ronca!

Título. Sobre a questão autoral que envolve este poema, vd. o Aparato Crítico.

Subtítulo. Refere-se ao terramoto que assolou a Ásia oriental, a 9 de julho de 1905. Estima-se que o sismo tenha atingido magnitude idêntica ao de Sanriku, no Japão, a 15 de junho de 1896.

1-2. Alude à guerra russo-japonesa (1904-1905), que terminou com a humilhante vitória do Japão sobre as movimentações expansionistas da Rússia.

4. Trata-se do fundador do Budismo, uma das principais religiões da Ásia oriental.

Este poema é composto por quatro quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

596

[ADB, Ms. 539, p. 59.]

FLIRTÉ

Quando a alma, enamorada,
Não santifica o desejo,
Amor segue de longada
Pela estrada do bocejo.

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

597

[ADB, Ms. 538, p. 94a.]

E ELLE A ENTRAR...
(D. Zulmira de Mello)

Vivo agora mais jocundo
Desde que a vejo à janella.
Quanto ao mais... a rua d'ella
Não fica no fim do mundo...

Em todo o caso, cautela!
Que a bella
É um serafim, com azas,
Uma sereia do mar!
Galanteal-a é brincar
Com brazas...

Setembro de 1901

Subtítulo. Refere-se à jovem Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha, que aparece celebrada em várias composições.

O poema é composto por uma quadra e uma sextilha de pé quebrado, combinando versos heptassilábicos com o quebrado de duas sílabas. A rima obedece ao esquema ABBA BBCDDC.

598

[ADB, Ms. 538, p. 20.]

N'OUTRO POSTAL
(Á Adolphina)

Ella é gentil como a aurora;
Mas, cousas tristes do mundo,
Se pensaes que ella me adora,
O vosso engano é profundo.

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

599

[ADB, Ms. 538, p. 24.]

Á AUGUSTA
(Madrigal, em sua presença)

Que te direi, n'uma quadra,
Anjo da minha eleição?
Que tão gentil, como ladra
Me roubaste o coração...

Título. Refere-se à jovem Augusta, uma das amadas de João Penha, que inspirou várias poesias.

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

600

[ADB, Ms. 538, pp. 25, 89.]

CELESTINA

 Ás outras causas inveja:
 Mamã, bom nome lhe deste,
3 Que ninguém ha, que te veja,
4 Que te não chame *celeste*.

Título. Refere-se a uma das jovens que inspiraram João Penha.

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

601

[ADB, Ms. 538, pp. 25, 89.]

MADRIGAL

- 1 Tens ainda pouca idade;
Tão nova, cresces ainda,
- 3 Mas, na flor da mocidade,
- 4 Se és linda, serás mais linda.

1. Refere-se à mesma jovem que inspirou a composição editada no número anterior.

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

602

[ADB, Ms. 538, p. 26.]

MADRIGAL
(A Nathalia)

Tem muito, muito de pomba,
Com seus olhos scismadores,
E comtudo ri e zomba
De quem lhe falla d'amores!

Subtítulo. Refere-se à jovem Natália da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade, irmã mais nova da discípula de João Penha, Zulmira de Melo.

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

603

[ADB, Ms. 538, pp. 26, 88.]

MADRIGAL
A Maria de Mello

Falta-me toda a rhetórica,
Até me falta a grammatica,
3 Para quê? Cousa estrambotica!
Para dizer que és sympatica.

Subtítulo. Refere-se à jovem Maria de Vasconcelos Ferreira de Melo Freire de Andrade, irmã mais nova da discípula de João Penha, Zulmira de Melo.

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

604

[ADB, Ms. 538, p. 29.]

JURA

Por mais discursos que faça
Eu não me posso vencer:
3 Que venturosa desgraça!
Hei de amar-te ate morrer!...

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

605

[ADB, Ms. 538, p. 31.]

MADRIGAL

De teus olhos tentadores,
Anjo da candida face,
Vem a luz que me alumia,
E dizem sabios doutores
Que, segundo a astronomia,
Se o grande sol se apagasse,
Essa luz, que me alumia,
Fizera da noite dia!

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABCACBCC.

606

[ADB, Ms. 538, p. 31.]

A AUGUSTA

Para ti, oh flôr dilecta,
Para ti, Anjo adorado,
Sou poeta, o teu poeta,
E jamais... advogado!

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

607

[ADB, Ms. 538, p. 36.]

QUEIXA

Ja perdi toda a esperança,
Bonequinha de setim,
De olhos doces, longa trança,
De um dia dizer: «enfim!»
Como este desejo cança!
E tu, divina creança,
Não, não tens pena de mim!

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABABAAB.

608

[ADB, Ms. 538, p. 36.]

ENVOI

- 1 Fiz do coração tinteiro,
N'elle esta penna molhei:
Quiz ferir o teu, certoiro;
Se o consegui, não sei...

Título. Tradução do Francês: “Envio” ou “Recado”.

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

4. Deve considerar-se uma diálise em *Se o*.

609

[ADB, Ms. 538, p. 41.]

CONTRICÇÃO

A hypocrisia impera no universo!
A bondade é a mascara do mal;
O homem é peor do que um chacal,
É mais immundo, em vis paixões immerso!

Sua maldade não se canta em verso!
Um dia acreditei no amor ideal,
Mas esse affecto, que julguei leal,
Era mentido, era um amor perverso!

.....

«Que horrivel blasphemar! Meu Deus, que digo!
Desfaça-se a minh'alma em triste pranto,
E seja a tua dor o meu castigo.

«Supplice, a ti as minhas mãos levanto!
Tu, chamas-me o teu anjo, doce amigo:
Se não sou, sou dos maus: tu és um santo!»

Título. Este poema foi composto em parceria com Zulmira de Melo (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha, que terá sido responsável pelas duas estâncias iniciais. A este propósito, vd. o Aparato Crítico.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4, 5, 7, 8 e 12.

2. Deve considerar-se uma diálise em é a.

610

[ADB, Ms. 538, pp. 54-55.]

QUATORZE CONTRA UM!
(Para o Dr. Lambaça)

O caso, que tu referes,
 Caso novo e singular,
 Não me horrorizou, que queres?
 Fez-me rir, fez-me lembrar

Dos alfaiates valentes
 A memoravel façanha:
 Armados até aos dentes,
 Em guerra contra uma aranha!

Ao menos, tivesses tu,
 No momento da refrega,
 Um varapau, um bambú!
 12 Dando lambadas, á cega,

Tu deixarias, galhardo,
 E sem medo dos seus urros,
 No chão, dentes de javardo,
 No chão, queixadas de burros!

Título. Era esta a alcunha do magistrado e antigo companheiro de Penha, José Joaquim Pinto.

1. Refere-se às acirradas polémicas que envolveram o juiz da Régua. A este propósito, vd. poemas editados nos n.ºs 553 e 716.

5. Alude ao protagonista da homónima narrativa, compilada pelos Irmãos Grimm.

Este poema é composto por quatro quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

611

[ADB, Ms. 538, p. 61.]

CRITICAS

Esses teus novos poemas,
Nas dimensões, hyperbolicos,
De largos trechos symbolicos,
Recheados de theoremas;

Em que resolves problemas
Por entre idyllios bucolicos,
Quando os temos, melancolicos
Pela grandeza dos themes,

Não lhes chegamos ao fim,
Que o somno vence o prazer.
Perdôa a critica, sim?

Dos meus que posso dizer?
Não sendo feitos por mim,
Talvez gostasse de os ler.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

612

[ADB, Ms. 538, pp. 64, 82.]

A AMILCAR

Vou partir para o Seixoso,
Sem saudades do passado.
Paio, adeus, cabrito assado,
Adeus tu, salmão mimoso.

O que d'antes me era um gozo,
Mesmo o amor accidentado,
Tudo, enfim vae ser trocado,
Por um viver rigoroso:

- 9 Frutas, pão e agua nativa,
10 E desde a cabeça aos pés
11 Nú, sem parra respectiva!

Que grande sabio tu és!
É voltar á primitiva,
Á vida dos chimpanzés!

Título. Refere-se ao médico de João Penha, que lhe prescrevera moderação no estilo de vida. A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

1. Alude ao sanatório do Seixoso, na Lixa.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

613

[ADB, Ms. 538, p. 65.]

LA PAUVRETÉ

- 1 Bella Rosinha, anda cá:
- 2 De que vives? lhe disse eu.
- 3 – «D'aquillo que Deus me dá,
- 4 D'aquillo que Deus me deu.»

Título. Trad. do Francês: “A pobreza”.

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

[ADB, Ms. 538, pp. 78, 82.]

CONDE DE ARNOSO

- 1 Parece-me inda um sonho, um pesadêlo
O seu trespasse, no vigor da idade!
- 3 A triste mãe, os filhos na orphandade
Nunca mais tornarão no mundo a vê-lo!
- Tinha o rosto gentil, negro o cabelo,
6 Nos olhos o fulgôr da mocidade,
Um sorriso perenne de bondade;
Elegante nos trajos, um modêlo.
- 9 Como artista, em seus contos, sempre lidos,
10 Escriptor se revela primoroso;
11 Elle só, entre os proceres transidos,
- 12 A voz ergueu, impavido e brioso,
13 A verberar a horda de bandidos,
14 Que á traição victimava um rei bondoso.

Título. Refere-se a Bernardo Pinheiro Correia de Melo (*1855 †1911), o 1.º Conde de Arnoso e secretário particular do rei D. Carlos. Era membro de tradicionais famílias bracarenses, integrou o grupo dos Vencidos da Vida e permaneceu, ao longo dos anos, amigo de João Penha. O soneto terá possivelmente integrado uma das homenagens que assinalaram o seu falecimento.

13. Alude ao Regicídio que vitimou D. Carlos e o príncipe Luiz Filipe, a 1 de fevereiro de 1908.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 2.

[ADB, Ms. 542, pp. 3-4.]

O NEGRO E O VERMELHO

Dizem todos os jornaes
Que um certo prócer morreu.
Tinha grossos cabedaes:
Agora, nada de seu!

Inda ha pouco, antes da morte,
Mexia em milhões á pá:
E, defunto, inveja a sorte
De quem vive ao deus dará!

Veio nú, lá do mysterio
Donde nós vimos tambem;
Nu voltou ao cemiterio
Como veio, sem vintem!

De que serve pois ser Créso,
Ou ser pobre como Job?
Que importa morrer obéso,
Ou magro, de fazer dó?

Assim, é baixar a orelha,
E viver como Deus manda,
Sem pôr de parte a botelha,
Que ideas negras abranda.

1914

13. Cresso, último rei de Lídia (r. 560-547 a. C.), ficou célebre pela sua proverbial riqueza.

14. Refere-se à personagem bíblica e à miséria provocada por incontáveis desgraças.

Este poema é constituído por cinco quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

616

[ADB, Ms. 542, p. 20.]

A UM POETA D'AGUA-DOCE

Os teus versos nem sequer
Nos fazem rir, ou sonhar:
Perdes o tempo e o trabalho.
O verso d'hoje requer
Muito sal, pimenta e alho;
E se os fazes á mulher,
A qual em geral é tôla,
Deita-lhes tambem cebola,
Que é droga que faz chorar.

7-IV-915

Este poema é constituído por um madrigal em redondilha maior, obedecendo ao esquema rimático ABCACADDB.

617

[ADB, Ms. 542, p. 21.]

IMPIEDOSA

Venho dizer-te a verdade,
Bella dos frios desdens:
3 És Christina da *Piedade*,
Nome lindo que mais não,
Mas só ahi é que a tens,
Não a tens no coração...

3. Refere-se a uma das últimas amadas de João Penha: a jovem Cristina da Piedade, que inspirou várias poesias datadas de 1915.

Esta sextilha em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABACBC.

618

[ADB, Ms. 542, p. 22.]

JURA

Com desdenhoso sorriso,
 Disse a Christina ao João:
 – «Eu, de si? Não tem que vêr,
 Perdeu de todo o juizo!»
 Disse o João á Christina,
 A essa fada divina:
 7 – «Não te péna o meu soffrer!
 Pois bem! queiras tú ou não,
 Hei-de amar-te até morrer.»

30-V-915.

2. Refere-se a uma das últimas amadas de João Penha: a jovem Cristina da Piedade.

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABCADDCBC.

[ADB, Ms. 542, pp. 42, 91.]

THEORIA E PRÁTICA

- Amor, como eu o sinto, e como o entendo,
Não olha a edades, nem ao como ou quando:
3 Assim como és, e como fores sendo,
4 É que te amo, Christina, e hei-de ir amando.

18-VI-1915.

4. A jovem Cristina da Piedade foi uma das últimas amadas de João Penha, inspirando várias poesias de 1915.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Os vv. 1 e 4 são decassílabos heroicos, sendo os restantes sáficos.

620

[ADB, Ms. 542, p. 48.]

ENIGMA

Bato á porta, muita vez,
 Do teu nobre coração.
 Nem responde. Essa mudez
 Como devo interpretal-a?
 5 Que não?...

Mas, consente quem se cala
 Nos diz um certo anexim:
 Como devo interpretal-a?
 9 Que sim?...

11-VII-15.

Este poema é constituído por dois madrigais, combinando versos heptassilábicos e com o quebrado dissílabo. A rima obedece ao esquema ABACB DEDE.

621

[ADB, Ms. 542, p. 62.]

PROVERBIO

Foi-se-te a paz, a alegria
Desde que em dia funesto
A viste, que te sorria,
Lhe viste o sorriso honesto:

Foi-se-te a vida serenna,
Triste poeta João Penha:
Perdigão perdeu a penna,
Não ha mal que lhe não venha.

13-V-16.

7-8. Este provérbio remete para o mote de um conhecido vilancete camoniano.

O poema é constituído por duas quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

622

[ADB, Ms. 544, p. 23.]

ADDIO

Ja não me vejo ao espelho:
Faço a barba de memoria!
Estou macrobio, estou velho:
Terra, adeus! passei á historia.

2-VI-18

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

623

[ADB, Ms. 544, pp. 37-38, 113.]

CONTRA DARWIN

MOTE

De macaco não sahe homem.

GLOSA

(Instantanea)

De gallinha não sahe pata;
De cebôla gerimú;
De girafa kangurú,
Nem de tromôço batata.

- De grillo não sahe barata,
6 D'um sycómoro bambú;
D'um réco não sahe perú,
De carneiro gato ou gata.
- 9 Do pó não sahem (prosigo)
10 Os bichos que nos consomem;
11 De codeço não sahe figo.

- E muito embora me tomem
Por um burro, affirmo e digo:
14 «De macaco não sahe homem».

4-VII-18.

Título. O naturalista britânico Charles Darwin (*1809 †1882) é o autor da teoria da evolução das espécies, que defende a descendência humana a partir do macaco.

Este poema é constituído por um mote inicial, seguido de glosa, sob a forma de sonetinho. Composto em redondilha maior, este obedece ao esquema rimático ABBA/ABBA/CDC/DCD.

624

[ADB, Ms. 544, pp. 46, 113.]

PENSAMENTO

Toda a mulher se ri, quando medita
No fim para que um homem a requesta,
3 E isto a hedionda o faz, faz a bonita;
4 E quer seja das livres, quer honesta.

9-VII-18.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

625

[ADB, Ms. 544, pp. 52, 113.]

NÊNIA

Passo agora a existencia, noite e dia,
Nunca em socêgo e a rir, mas a chorar,
Ja me veio a lembrança de cantar,
Porque, o rifão o diz, isso allivia.

6 Era-me outrora a vida uma alegria,
Sem a minima dôr, sem um pesar.
O tempo agora hesita em caminhar,
É azeite a escorrer de almotolia.

Estou já, como Christo, no meu hôrto;
E nem, como na minha mocidade,
O falerno me alegre ou dá conforto.

E, pergunto, na minha soledade,
Para que mundo irei, depois de morto?
Eu, este hei de deixal-o... com saudade!

10-VII-18.

9. Alude à agonia de Jesus Cristo, no monte das oliveiras ou horto de Getsémani, pouco antes de se entregar para sofrer a morte (Mt. 26: 36-46; Mc. 14: 32-42; Lc. 22: 39-46).

11. Falerno é um vinho italiano de origens antigas, que aparece referido na literatura latina.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Todos os versos são decassílabos heroicos.

626

[ADB, Ms. 544, p. 72.]

A ELLE E AO CANDIDO

- 1 Em tudo, amigo, me espantas:
- 2 Fazes de Mecía, Mécia!
- 3 Me judice, oh Julio Dantas,
- 4 Se asneira não é, parece-a.

Título. Refere-se ao poeta Júlio Dantas (*1876 †1962) – autor do libreto da ópera *D. Mécia* (1901) – e ao reputado filólogo António Cândido de Figueiredo (*1846 †1925), um dos principais impulsionadores da Reforma Ortográfica de 1911. Sobre o contexto de composição, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

3. Trad. da expressão latina: “na minha opinião”.

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

627

[ADB, Ms. 544, pp. 87, 103.]

SCENA CAMPESINA

Vi-a nas danças do ádro,
As tranças soltas ao vento.
Pinte quem souber o quadro,
Que a mim me falta o talento.

Com seu corpo delicado,
Em volteios elegantes
Dançava sobre um estrado
De corações palpitantes.

- Recostado no seu pau,
Um mancebo, cabisbaixo,
11 Dizia, feroz e mau:
12 Se alguém a namora o escacho.»
- 13 Porém, um certo janota
A requestou, face a face,
15 E a rir, toda a aldeia nota
16 Que o tal o não escachasse!

25-VII-18.

Este poema é composto por quatro quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

628

[ADB, Ms. 545, p. 120.]

PHILOSOPHIA

Segundo Bento Spinoza
 Ha materia e pensamento,
 Cuja sorte é duvidosa;
 Pensando n'isto um momento,
 Tenho feito verso e prosa,
 Para que, cheio de vento,
 A mim proprio glorifique
 (Tolice que não commento)
 E d'isso que assim fabrique,
 Depois do meu passamento,
 Alguma cousa cá fique.

10-VIII-18.

1-3. O filósofo racionalista Bento Espinoza (*1632 †1677) foi um dos pensadores que conceberam a realidade em moldes panteístas, identificando Deus com a matéria e o pensamento.

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABABABCBCBC.

629

[ADB, Ms. 545, p. 134.]

CONFISSÃO

Ao Dr. Sergio de Castro.

Inda até agora não pude
Saber porque faço d'isto!
Só digo que não resisto
A este labôr tão rude!

- 5 Vibro as cordas do alaúde,
Logo que um thêma eu avisto,
Bello, ou digno de registo,
Embora sem magnitude.

O que digo, com verdade,
É que as minhas alegrias,
Não têm outra claridade;

E conto, mas não te rias,
Com uma posteridade,
Eterna... d'uns oito dias!

18-VIII-18.

Dedicatória. O advogado e jornalista António Sérgio de Castro (*1851 †1929) foi companheiro de João Penha em Coimbra.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

630

[ADB, Ms. 545, pp. 141-142.]

EM TEMPOS IDOS

X.

Entre a mesma papelada,
 Surprêso, encontrei mais isto,
 Mas não sei quem era a amada,
 Nem o servo em Jesus Christo:

6 «Quando cá vem o padreca,
 (Salvo o devido respeito)
 Fico levado da bréca,
 Fóra de mim, contrafeito.

É que sob o seu olhar,
 Ao pé de ti, que martyrio!,
 Não te posso namorar,
 Como eu desejo, em delirio!

Se vens só com Seraphina,
 Tua amavel confidente,
 Minh'alma não se amofina,
 Até me sinto contente;

Porque ella, embora risonha,
 Bem sabe, sem ter inveja,
 O que o teu poeta sonha,
 O que elle de ti deseja.

22 Mas, se vem o tal abbade,
 (Salvo o devido respeito)
 Eu não me sinto á vontade,
 Fico mudo, de despeito.

1. Confronte-se, nesta sequência, o poema n.º 342.

Não digo que seja mau,
Mas não gósto, em meu caminho,
Ver um passaro bisnau,
A espantar-me o passarinho!

Qual terá sido o destino
D'essas longinquas figuras?
Como pêtas abomino,
Fica este caso ás escuras.

Este poema é composto por oito quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

631

[ADB, Ms. 545, p. 146.]

EM CINCO LINHAS

Eu bem conheço as mulheres,
Por contínua usança antiga;
Se quereis que vol-o diga:
«Aqui me tens se me queres»
É esta a sua cantiga.

23-X-18.

Esta quintilha em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABBAB.

632

[ADB, Ms. 545, pp. 163, 207.]

ESTROPHE

A figa

Graças a ti, oh Mavorte,
Deus de espada e de loriga,
Desde o Senna até ao Volga,
É tão sanguinaria a briga
5 Que nunca repousa a Morte,
E de certo, por fadiga,
7 Tem-nos dado, ha quem o diga,
Um certo descanço e folga:
A ti, porém, uma figa!

12-X-18.

1. Refere-se a Marte, o deus romano da Guerra.

3. Alude a dois grandes rios que atravessam o território mais fustigado pela Grande Guerra (1914-1918): o Sena (em França) e o Volga (na Rússia).

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABCBABBCB.

633

[ADB, Ms. 545, pp. 164, 202.]

ORAÇÃO DA NOITE

- 1 «Como já não longe avisto
- 2 De outra vida a Percursôra
- 3 Que meus olhos cerrará,
- 4 Transe horrendo, mas previsto,
- 5 Eu, contrito, desde já
- Entrego a Nossa Senhora
- 7 E a seu Filho Jesus Christo:
- 8 A minh'alma peccadôra.»

16-IX-18

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABCACBAB.

634

[ADB, Ms. 545, pp. 164, 208.]

A NEGRA

- Onde Ella móra não sei,
2 Ignoro onde ella se acoite.
Diz pois: «De dia, escapei,
4 Deus queira que escape á noite.»

21-IX-18

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

635

[ADB, Ms. 545, p. 165.]

LARVADA

Era, nas fórmas, completa,
 Toda gentil, um renovo.
 3 «Coubera n'um prato côvo»
 Disse, ao vel-a, um grande estheta.

Pequenina, além da meta,
 Nada mais lindo, mais novo!
 E, embora filha do povo,
 Era da róda selecta.

Era doida pela valsa,
 Toda coberta de joias:
 E era, como estas, falsa!

Sargente de mil tramoias,
 Mordia, como da balsa
 Surgem, mordendo, as giboias.

17-IX-18.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

11. Deve considerar-se uma diálise em *E era*.

[ADB, Ms. 545, pp. 175-179, 203, 207, 208.]

SNOBBS

Snobb é termo de agora
Que designa toleirão:
Por todo esse mundo em fóra
Ha quem o não seja? Não.

D'esse numeroso artigo
Eu trago um alforge ás costas
Veja-o o bom leitor amigo
Pelas seguintes respostas:

De um vate, de tres ao quarto,
Tão mago, que parece um mytho:
«De elogios estou farto,
Como em bons versos perito.»

De velha, como ha centenas,
Que nunca passou de tia:
– «Eu nunca falto a novenas,
E sou Filha de Maria.»

De artista, de escópro e giz,
Com gibba de dromedario:
– «Não ha, nem mesmo em Paris
Mais famoso estatuario.»

Um pintor, de maus abônos,
Que só tem ossos e pelles:
– «Não, não sou um pinta-momos

24 Sou um Corot, um Apelles.

Título. Trad. do Inglês *snobs*: “Pretenciosos”.

16. As Filhas de Maria Auxiliadora formam uma congregação religiosa; são também conhecidas como *irmãs salesianas*.

24. Refere-se a dois grandes mestres da pintura universal: o grego Apeles (que viveu na Jónia no século IV a.C.) e o francês Jean-Baptiste Camille Corot (*1796 †1875).

De um caçador, baixo e gôrdo,
 E que só caça a boizes:
 – «A mim não me escapa um tôrdo,
 E sou um barra ás perdizes.»

De um thesoureiro de fintas,
 Um ricaço, de commenda:
 – «Tenho solar, sette quintas,
 E mil escudos de renda.»

De uma elegante, do asfalto,
 Que não despreza zumbaias:
 – «Ando á moda: tacão alto,
 E alto levanto as saias.»

De um dandy, de mão na ilharga,
 De violetas na lapela:
 39 – «Ando ao rigor: calça larga,
 Sapato, e meia amarela.»

De um, da grey dos elegantes
 Com figura de imbecil:
 43 – «Vejam: tenho tres amantes,
 Cada qual a mais gentil.»

D'um sportman, dos de cá,
 Sempre de rosas ao peito:
 – «Por esse mundo não ha
 Marialva mais perfeito.»

De um typo, d'alta estatura,
 De aspecto nobre e insolente:
 – «Sou alguém, de raça pura,
 Dos Capetos descendente.»

De um agricola vetusto,
 54 Em suas vestes immundo,
 55 – «Eu inda pódo sem custo,
 Lavro a terra, e cavo fundo.»

45. Tradução do Inglês *sportsman*: “desportista”.

48. Alude ao estereótipo do cavaleiro exímio, que remonta à figura do Quinto Marquês de Marialva, D. Diogo José Vito de Meneses Noronha Coutinho (*1739 †1803).

52. Refere-se à dinastia capetiana, que liderou o reino franco, entre 987 e 1328.

De um valentão, lá do norte,
De ôlho sanguinario e mau:
59 – «Meu braço é tão rijo e forte,
Que varro feiras a pau.»

De um, de pancada na bola,
Que de sabio egregio timbra:
63 – «Apesar de mestre-escola,
Pudera ser lente em Coimbra.»

65 De um que defuntos anima
66 Com certas drogas que faz:
67 – «Quem o nega? estou acima
68 Dos Trousseaus e dos Richats.»

69 D'um sabio, de barbatanas,
70 Velho e glabro pelo estudo:
71 – «Não crésto mais as pestanas
72 Que eu no Haeckel vejo tudo.»

73 De actor, ou antes comparsa
74 Em comedias de cordel:
75 – «Eu não represento em farça
76 Em dramas é o meu papel.»

77 De uma actriz, que vae passando,
78 Sem que algum talento a escuse:
79 – «Que é para mim, comparando,
80 A Ristori, ou mesmo a Duse?»

81 De um tendeiro, ja de idade,
82 Que se diz de grosso trato:
83 – «Préso a minha dignidade:
84 Eu nunca vendo barato.»

68. Refere-se a dois eminentes médicos franceses: Armand Trousseau (*1801 †1867) e Charles Robert Richet (*1850 †1935), que ganhou o Prémio Nobel em 1913.

72. Alude ao *Kunstformen der Natur* (1904), uma das principais obras do biólogo alemão Ernst Haeckel (*1834 †1919), contendo ilustrações de organismos vivos.

80. Refere-se a duas das maiores atrizes italianas: Adelaide Ristori (*1822 †1906) e Eleonora Duse (*1858 †1924).

- 85 De certo cura, inda novo,
 86 Que nunca soube latim:
 87 – «Quando eu digo a missa, o povo
 88 Nunca dorme: só no fim.»

De um jogador, sem vintem,
 Ponto fixo á rolêta:
 – «Sou feliz como ninguém.
 Ou jogue á branca ou á prêta.»

- De um acrata, de barbaças,
 O cabello já grisalho:
 – «Não sou homem para graças,
 96 E ponho tudo em frangalhos.»

- De um capitão ferrabraz,
 Que nunca entrou em batalha:
 99 – «Se em breve não chega a paz,
 Como o sycambro á navalha.»

-
- Como o rol seria enorme,
 Não exhibo mais fantoches.
 103 O pio leitor ja dorme.
 Não admira: buenas noches!

22-IX-18.

104. Trad. do Castelhana: “boas noites!”

Este poema é composto por vinte e seis quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

1. Atente-se na realização dissilábica em *snobb*.

10. Por imperativos métricos, deve considerar-se uma síncope em *parece*.

45. Note-se a realização trissilábica em *sportman*.

90. Impõe-se uma diálise em *fixo á*.

637

[ADB, Ms. 545, p. 179.]

CONFRÔNTO

2 Sim! Comparando as prosas e a poesia,
E no que vou dizer eu não sou Papa,
Ella é o Johannisberg, o malvazia,
As prosas uma misera zurrapa.

26-IX-18.

3. Refere-se a duas conhecidas castas de uvas brancas, usadas na produção de vinhos licorosos.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

638

[ADB, Ms. 545, pp. 180-181.]

ELLES

- 1 – «Hindimburgo, que me dizes
 2 Sobre o que se vae passando?
 Temo cahir de narizes,
 4 E que percas o commando.
 5 O terrivel inimigo
 6 Nossos córpos desbarata,
 7 É revéz sobre revéz.
 8 Poderei contar comtigo?
 9 Que pensas? não dizes nada?»
 10 Elle então, com arrogancia:
 11 – «A tudo isso não ligo,
 12 A mais pequena importancia:
 13 Tenho a alma socegada;
 14 O que elle diz é bravata.
 15 Pois quê? se me cheira a esturro,
 16 Supplanto o gaulez a murro,
 17 Corro o inglez a pontapes.»
 18 Disse alguem, que a rir desata:
 19 – «Isso não: a pontapata,
 20 Porque não passas d'um burro.»
 21 Hendimburgo deu um urro,
 22 Porque sentiu a chibata.

24-IX-18.

1. Trata-se de uma personificação da capital da Escócia, Edimburgo.

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABABCDEF GCGFDH HIDDHD.

639

[ADB, Ms. 545, pp. 182-183, 204.]

POR HYGIENE

- 1 Decorre este episodio que divulgo,
- 2 Entre um homem maduro, e outro, velho.
- 3 E se o dou á luz é porque julgo
- 4 Que elle contém em si um bom conselho.

I

Nós ja não somos rapazes,
Mas eu tenho um peito d' aço.
Só reparas no que faço,
Sem reparar no que fazes.

- Eu, de criticas mordazes
Sou victima a cada passo:
Não chóro, e até os abraço
- 12 Mesmo aos burros e tenazes.

Eu, se pinto as gaforinas,
Não me occulto a testemunhas:
Se por isso me incriminas,

Não penses que me acabrunhas:
Porque aparas tu as crinas?
Porque é que cortas as unhas?

27-IX-18.

Este poema é composto por uma quadra preambular em decassílabos sáficos, seguida de um sonetinho em redondilha maior. A quadra obedece a um esquema de rima cruzada, enquanto o sonetinho observam o esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

3. Deve considerar-se uma diálise em *se o*.

[ADB, Ms. 545, pp. 183, 204, 202.]

II

1 E demais, escuta bem,
 2 Se o ponho ás vezes em pratica,
 Não é por vaidade asnatica,
 Ou para illudir alguem:

Mas sómente por desdem,
 6 Por tôla censura emphatica,
 7 Por uma especie de tactica,
 E por logica tambem.

Quando os tristes desenganos
 Se reflectem nos espelhos,
 11 O que nos produz mais damnos,

Não é o mal nos artelhos,
 Ou o decurso dos annos:
 É a apparencia de velhos!

Este sonetinho em redondilha maior obedece o esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

640

[ADB, Ms. 545, pp. 184, 204.]

A VOZ DA NATUREZA

- 2 – «Porque foges tu d'um velho,
Mesmo elegante e distinto?»
Poz-se-lhe o rosto vermelho:
– «Não sei; talvez por instinto.»

28-IX-18.

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

641

[ADB, Ms. 545, pp. 184, 204.]

A PAPOILA

- 1 – «Sabes tu, risonha Helena,
Tão affecta ás cousas d'arte,
Qual é a flor do lyrismo,
Que anda em céleres carreiras
Entre nós, por toda a parte,
- 6 Rival infeliz das prosas
- 7 Que a desprezam, sobranceiras?»
– «Eu ignoro; porém, diz-mo.»
– «Não é a branca açucena,
O jasmim do Cabo; as rosas;
É a flor das dormideiras.»

29-IX-18.

11. Esta denominação refere-se a uma espécie de flores campestres, também conhecida como papoila.

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABCDBEDCFED.

[ADB, Ms. 545, pp. 186-187.]

A UM PLAGIARIO
(Versos de um poeta ladrão – Altaroche)

Sou um larapio, um malvado,
Um gatuno, um ladrão vil,
Mas fui ao crime arrastado
Porque não tinha um ceutil.
Um tal, quando a fôme é seria,
Pode vencel-o a materia
Commeter acções bem feias,
Mas é tão grande a miseria
Que me roubei as ideias?

Contra acções d'esta classe
O nosso codigo é mudo,
E se por tal me queixasse,
Seria em vão, não me illudo.
Por qualquer empalmação,
E quanta vez a primeira,
Eis-nos ahi na prisão.
Roubaste, pois, a canção
Sem me tocar na algibeira:

Um ladrão, mestre em proezas,
Tira os sinais ás fazendas
A fim de evitar surpresas,
Só então se expõe ás vendas.
Tu, que és homem de cabeça,
Tens as mesmas precauções,
Receias a sorte avêssa:
Estropias-me as canções
Com mêdo que as reconheça!

Subtítulo. Estamos perante uma tradução do poema que Pierre-François Lacenaire (*1803 †1836) dirigiu a M. Altaroche, na sequência de um plágio à conhecida “Pétition d’un voleur à un roi voisin”. A este propósito, leia-se o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

Eu não me espanto de sóbra
De tão grande abnegação!
E por mim! copiar-me a obra
Aventurar a prisão!
Um sacrificio admiravel!
Que excede todo o louvor
O desculpar o culpavel,
E sem ter sido o escriptor
Ser o escriptor responsavel!

Este poema é composto por quatro madrigais em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rimático ABABCCDCD ABABCDCCD ABABCD CDC ABABCD CDC.

10. Deve considerar-se uma diálise em *Contra ações*.

[ADB, Ms. 545, pp. 190, 202.]

A DECADENCIA

– «É uma regra notoria:
A luca contra a velhice
Não passa d'uma tolice,
D'uma fraqueza irrisoria.

«Dil-o a sciencia, e dil-o a historia,
E já por vezes t'ò disse:
O resistir-lhe é sandice,
Além de má, illusória.

«Debalde pedes confôrto
Ao malvazia doirado:
11 Pois o que ficas é tôrto.

«Vê o que fazes, coitado,
13 Pensa que em breve estás morto.»
– «Fico d'ahi arrumado.»

15-X-18.

10. Malvasia é uma casta de uvas brancas usada na produção de vinhos licorosos.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

644

[ADB, Ms. 545, p. 193.]

A MIM PROPRIO

1 Vê para onde vaes
 Por esses caminhos.
 Já cantaste vinhos;
 Pifios animaes;

Varias pôdres Lais,
 Paios e toucinhos:
 Tudo são versinhos,
 Chôchos madrigaes!

Quasi desde a aurora,
 Fazes um por um,
 Sobretudo agora

Sem senso commum,
 Como um bebé chora
 Sem motivo algum!

17-X-18.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha menor, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

645

[ADB, Ms. 545, p. 194.]

O INSTINCTO DA VIDA

Foge a aranha, a lêsma, o cão
A quem a vida lhes corte;
É que têm horror á morte,
E se acham bem como são.

É logica essa razão,
Mas não sou quem na suporte:
Se não me queixo da sorte,
É pelos bens que lá vão.

Até me parece absurdo
Que n'este revólto pégo,
N'esta lama em que chafurdo,

Ja em caminho de cégo,
Quasi manco, velho e surdo,
Ainda á vida me apégo!

18-X-18.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

3. Deve considerar-se uma realização monossilábica em *têm*.

646

[ADB, Ms. 545, p. 195.]

ET FUGIT SUB UMBRAS

Que é o mundo? Um necroterio,
 É uma valla sem fim:
 Morre a criança, um jasmim;
 O sonho doirado, ethereo;

Os goivos do cemiterio;
 As boninas do jardim;
 O amaranto, o alecrim,
 O cyparisso funéreo.

Tudo se vae dia a dia:
 A pomba, o môcho nocturno;
 Morre a tristeza, a alegria.

Minha ventura, a seu turno,
 Nas sombras se refugia,
 Como o heroe da lenda, Turno.

18-X-18.

Título. Remete para o último verso da *Eneida*, em que se descreve a morte de Turno, rei dos rútuos, às mãos de Eneias. Segundo Vergílio, a alma do herói partiu indignada, ao ser-lhe ignorado o pedido de clemência. Trad. do Latim: “E fugiu para o reino das sombras”.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

647

[ADB, Ms. 545, p. 196.]

SONHO DESFEITO

Uma cousa é o ideal, o sonho,
Muito outra a realidade.
Sou prova d'esta verdade,
Nem de o dizer me envergonho.

Fiquei, sabendo-o, tristonho,
Pela tua deslealdade;
Mas desfez-se a tempestade
E já me expando risonho.

Até me alegra o contal-o!
Corri tristezas a murro!
De tanto me rir estalo!

Ophelia que vaes no enxurro,
Querias montar cavallo,
E por fim, montas... um burro!

19-X-18.

Título. Alude ao casamento de Zulmira de Melo (*1879 †1964), a discípula a quem João Penha devotara especial afeição, desde 1900. O noivo era um abastado poeta de 39 anos, natural do Alentejo (vd. Arquivo documental, no Aparato Crítico).

12. Alude ao afogamento de Ofélia, na tragédia de William Shakespeare, *Hamlet* (ca. 1600).

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

1. Deve considerar-se uma sinalefa em é o ideal.

648

[ADB, Ms. 545, p. 199.]

A FRAUDE

O caso é muito vulgar,
 É como que uma lei.
 Dos que o provam, citarei
 4 Huissman nas «Soeurs Vatard».

Desejei-te no meu lar,
 E em meus versos te rimei:
 Veio o dinheiro, e, que sei?
 Melhor em tudo outro par.

Perdeu-me o ser timorato;
 Mas, um amor tão antigo!
 Já nem quero o teu retrato.

Nem me rebaixo a castigo.
 – «Cerrei os olhos, no acto,
 Para me illudir... contigo.»

22-X-18.

Título. Este poema surge na sequência do casamento de Zulmira de Melo (*1879 †1964). A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 647.

4. Trata-se do romance publicado em 1879, pelo escritor naturalista Joris-Karl Huysmans.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[ADB, Ms. 545, pp. 201, 202.]

OS MISERAVEIS

- «Não ha na face da terra
Um ente mais infeliz,
Mais desgraçado do que eu:
Do que o trabalho me deu,
Não me restam dous ceitis.
A minha filha morreu,
E ando, em meios, tão baldo
Que nem tenho para o caldo!
- 9 Cheio de fome e de frio
10 Sou um pária, um cão vadio.
Sois homem rico e de préstimo:
Assim tão pobre e tão fraco,
Venho pedir-vos, de emprestimo,
Um miserrimo pataco.
- 15 De penuria, ao desamparo,
16 Até receio morrer.»
- «Está tudo muito caro,
E esta maldita guerra,
Obriga-me a ser avaro:
Agora não póde ser.»

28-X-18

Título. Alude ao conhecido romance *Les Misérables* (1862), onde Victor Hugo retrata de forma pungente a miséria dos desfavorecidos, no submundo parisiense.

5. Ceitel foi uma pequena moeda, forjada no séc. XV.

6. Sobre a filha de Penha, que morreu jovem, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

7-16. Alude à penúria que afetou o poeta nos últimos anos de vida, culminando na entrega de uma modesta pensão do Estado, em 1917.

18. Refere-se à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), cujo armistício foi assinado a 11 de novembro de 1918.

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABCBCDDEEFGFGHIHJHI.

650

[ADB, Ms. 543, pp. 2, 85.]

OS CEUS DE BUFFON

2 Com ceu azul ou tormenta,
 Ha ascensão e descida
 Na existencia dos humanos.
 Salvo um acaso ou má sorte,
 Durante uns cincoenta annos
 Só luctamos pela vida;
 Durante os outros cincoenta
 Essa lucta é contra a morte.
 N'aquelles: o jôgo, viagens,
 A mulher, ruidosas ceias;
 N'estes: rezas ás imagens,
 Dietas, e pharmacopeas.

30-X-18.

Título. Refere-se ao enciclopedista francês George-Louis Leclerc (*1707 †1788), Conde de Buffon e autor de vários estudos sobre o desenvolvimento dos corpos celestes.

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema de rimático ABCDCBADEFEEF.

651

[ADB, Ms. 543, pp. 3, 85.]

ENTRE ÁRCADES

Um dos arcades, o abbade de Jazente,
Tomou á sua conta o bom Theodoro,
Um poeta quasi obscuro, mas sonóro,
Apodando-o de velho e decadente.

Outro que tal, um vate, exactamente,
Cujo procedimento desadoro,
A outro velho, cuja fama ignoro,
Como agulha, isto disse, irreverente:

– «Acabado e senil Mathusalém,
Pareces-me uma lâmpada sem gaz!
A venta já sem pingue não retém!

– «E forte trovador, quando rapaz!
Até me fazes rir!» – «Chora tambem,
14 Pois que tal como sou, tu o serás».

14-IX-18.

1-4. Alude à galharda disputa entre Paulino António Cabral (*1719 †1789), Abade de Jazente, e Teodoro de Sá Coutinho, sobre a avançada idade deste. Vd. *Poesias* (1909, vol. II, max. pp 9-42).

9. De acordo com a tradição bíblica, Matusalém, descendente de Adão e filho de Henoc, viveu 969 anos (Gn. 6: 21-27).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 7, observando-se ainda uma irregularidade métrica no v. 1.

652

[ADB, Ms. 543, pp. 4, 85.]

OUTRO HAMLET

«Ser ou não ser, dizia pensativo
 O rei da Dinamarca: eis a questão.
 Nossas almas, emfim, para onde vão?
 4 Será, um dia, o morto um redivivo?

Eu não vejo um remedio, um linitivo
 A tão mesta incerteza da razão,
 E os dias vão seguindo, sem travão,
 N'um célere rodar consecutivo!

E valerá a pena, eu digo-o a mim
 A vida, no labôr de calafate
 11 Em concêrtos n'um pôdre bergantim?

Mas, defunto? Isso nunca, sem combate,
 Ou tarde, muito tarde, porque, emfim,
 Um defunto não toma... chocolate.

25-XI-18.

Título. Hamlet, príncipe da Dinamarca, é o protagonista da tragédia homónima de William Shakespeare (ca. 1600), que questiona o sentido da vida.

1-2. Evoca-se o célebre verso 1, da Cena 1, no Ato III de *Hamlet*: “To be, or not to be: that is the question”.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Todos os versos são decassílabos heroicos.

653

[ADB, Ms. 543, p. 6.]

RECÍPROCAS AMABILIDADES

– «Tu, oh Láis, não tens vergonha?
És mulher e estas contente!
Mulher é como serpente
Que tem na lingua peçonha.

«Quanto á alma, ha quem supponha
Que não é da humana gente!
Em todo o caso, é corrente
Que não existe sem rônha.»

– «Sim; mas vós que sois? Protheus,
Me respondeu a sorrir-se;
Sempre maus, sempre judeus.»

12 – «E a mulher? eterna Circe,
Que nos transforma em sandeus;
Para que? para impingir-se!»

9-XII-18.

9. Proteu era uma divindade grega que assumia aparências monstruosas, assustando quem dele se aproximasse.

12. Na *Odisseia* de Homero, Circe era a feiticeira que habitava a ilha de Ea e transformou em animais os marinheiros de Ulisses.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

654

[ADB, Ms. 543, p. 7.]

HOMO NATUS DE MULIERE...

No seu negro esterquilínio
 Bem dizia o antigo Job:
 As miserias nos vêm só
 Da mulher, do seu domínio.

Quem o duvide, examine-o
 E de si ha de ter dó.
 As mulheres? São luto e pó,
 Muitas vezes o exterminio.

Maldita a hora em que um homem
 Se namora da mulher:
 Quanto temos nos consomem.

Nem nos respeitam sequer!
 Não ha ninguem que as dómem,
 E o seu deus é quem mais dér!

22-XII-18.

Título. Cita-se uma passagem do livro de Job (Jb. 14: 1). Trad. do Latim: “O homem nascido da mulher” [tem vida curta mas cheia de misérias].

1-2. Alude à lepra maligna que Satan fez recair sobre Job, obrigando-o a definhar sobre um monte de cinza (Jb. 2: 7-8).

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

655

[ADB, Ms. 543, p. 9.]

CARTA

«Chora neve o ceu nublado:
Não sábio do meu abrigo.
Que fazer? fallar contigo
Do presente e do passado.

«Vejo-te muito acabado;
Ja não és o leão antigo;
Eu, francamente t'ò digo
8 Não me agrada o teu estado.

«Trocaste a cerúlea altura,
Lá onde o condor adeja,
Pela terra, e, que loucura!

12 «O vinho pela cerveja,
O riso pela «atra cura»
A taberna... pela igreja!»

10-I-19.

Data. É esta a última poesia de João Penha. O poeta faleceria a 3 de fevereiro de 1919.

13. Alude ao dito horaciano “Post equitem sedet atra Cura” (Horácio, *Carmina*, Liber III, Ode 1, v. 40). Trad.: “a negra preocupação”.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

2.1. Criptinos



656

[ADB, Ms. 559³, p. 6.]

A foda, a luxúria,
 No doce orifício
 Que terna lamúria,
 Que brando exercício!

A mão, que penúria!
 O cú para o vício
 Cono fictício
 De Venus espúria.

Ao leito morena,
 Requebros agora
 A noite é pequena.

Meu Deus, que demora,
 Ó filha tem pena
 Da porra que chora.

1879

4. Refere-se à escultura da deusa romana do Amor.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha menor, obedece ao esquema ABAB/ABBA/CDC/DCD.

7. Atente-se na realização oxítona em *fictício*.

657

[BPMP, M-AF-1147.]

O ACTO E O VERBO

- 1 Era hespanhola, e vendo-a subjugada,
Consegui o meu fim, mesmo de pé.
– «Es assi (com voz doce e intercortada
- 4 Me perguntou) que si hacen niños?» – «É.»

8-X-98.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroicos, mas é sáfico o v. 4.
4. Deve considerar-se uma sinalefa em *si hacen*.

658

[ADB, Ms. 536, pp. 158, 189.]

NA MATTA

- 1 Agarrei-a, á simploria rapariga,
 E com voz, que de amor a compenetra,
- 3 Perguntei-lhe: – «Que sentes, doce amiga?»
 – «Um corpo estranho que no meu penetra.»

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroicos, mas é sáfico o v. 4.

659

[ADB, Ms. 536, pp. 180-181.]

NUM WATER-CLOSET

Nesse throno da elegancia
Como és formosa, Maria!
Podes dizer, sem jactancia,
«Sou a Musa da poesia!»

A dos novos, a que chega
Em seu coche triumphal:
A nephelibata, a grêga,
8 A da *Harpa* hemorrhoidal!

Assim pósta, gemebunda,
Flor symbolica em seu vaso,
És a musa que fecunda
O resurgente Parnaso!

Vós, oh poetas, que ella inspira,
Correi todos, em tropel:
Deponde-lhe aos pés a lyra;
Levae-lhe tambem... papel.

Nesse throno da elegancia,
Como és formosa, Maria!
Podes dizer, sem jactancia:
«Sou a Musa da poesia!»

Título. Esta expressão inglesa define o compartimento com vaso sanitário ou lavabo. Trad. “Numa casa de banho”.

12. Refere-se ao monte grego que, segundo a tradição, era habitado por Apolo (deus da poesia) e suas Musas.

Este poema é composto por cinco quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

13. Deve considerar-se uma sinérese em *poetas*.

660

[ADB, Ms. 536, p. 182.]

LEI DO SÊLLO

- «Faltou-te um sêllo, Espregueira,
 (Disse o Baccôco ao ministro)
 «Nada fazes sem asneira!»
 – «Faltou-me, disse sinistro,
 «Um sêllo? que dizes tu?»
 6 – «Na papelada caseira
 Com que limpamos o cú.»

16-VI-900.

Título. Refere-se ao aumento do imposto de selo, aprovado em agosto de 1899, durante o governo progressista de José Luciano de Castro.

1. Manoel Afonso de Espregueira (*1835 †1917) foi Ministro dos Negócios da Fazenda, entre 1898 e 1900.

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema de rimático ABABCAC.

661

[ADB, Ms. 536, p. 182.]

POR TABELLA

Emquanto Emma, de cima da janella,
Escutava um dos seus enamorados,
Por detraz, mas com geito, puz-me nella.
– «Agora estás servido, disse a bella...»
– «E porque?» – «Fiz-lhe os olhos requebrados...»

16-VI-900.

Esta quintilha obedece ao esquema rimático ABAAB. Todos os versos são decassílabos heroicos.

662

[ADB, Ms. 537, f. 11v.]

IDYLLIO MODERNO

- Guia a carroça um machacaz valente,
2 Sanguineo mocetão de braço nu.
3 Diz-lhe a Rosa, ao passar: – «Adeus, Vicente,
4 «Deixas-me ir dentro?» – Responde elle: – «E tu?»

Esta quadra obedece ao esquema de rima cruzada. Os vv. 1 e 2 são decassílabos heroicos, sendo os restantes sáficos.

663

[ADB, Ms. 537, f. 48v.]

A UMA DE LONGOS CABELLOS

Chamam-te os dandys leôa.
Ou esta idea é bicuda,
Ou então a asneira é boa:
Somente os leões tem juba,
Portanto o que diz a tuba
Da fama, no seu zum-zum,
É que, apesar de pelluda,
Ja não tens pêllo nenhum.

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema de rimático ABACCDBD.

4. Note-se a realização monossilábica em *tem*.

664

[ADB, Ms. 539, pp. 83, 87.]

ENTRE A AMA E A SUA AIA

- 1 – «Senhora, tome sentido,
 Não me torne a mandar mais
 3 Ao seu amante querido!
 Que rapaz tão atrevido!
 5 Não ha outro assim, talvez!»
 6 – Mas, diz-me: que é que elle fez?
 7 – «Uma traição de judeu:
 8 Sem se importar com meus ais,
 9 Encostou-me junto a um muro,
 10 «Tem-te, me disse, não caias».
 11 Eu quiz lutar n'este apuro,
 12 «Tire-se lá» – lhe disse eu.
 13 Mas em vão: ergueu-me as saias
 14 E metteu-me um nervo duro
 15 N'aquillo que Deus me deu!»

Título. Este poema erótico foi publicado sem o consentimento do autor. Sobre o contexto de publicação, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABAACCCDBEFEDFED.

665

[ADB, Ms. 538, p. 65.]

CRYPTINOS

Quando virás ao meu quarto,
Ou quando irei eu ao teu?
De o perguntar estou farto,
Á terra, ao mar e ao ceu.

Esta quadra em redondilha maior obedece a um esquema de rima cruzada

666

[ADB, Ms. 538, p. 70.]

DE MONTAIGNE

Não são, oh reis, em vosso desabôno
Estas minhas palavras: são leaes:
«Por mais alto que seja o vosso thrôno
É com o cú que nêlle vos sentaes.»

Título. Este poema recupera um conhecido aforismo de Michel de Montaigne (*1533 †1592): “Et au plus eslevé throne du monde, si ne sommes nous assis, que sur nostre cul.” (*Essais*, Liv. III, chap. 13, p. 539).

Esta quadra obedece ao esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

667

[BPMP, M-AF-1183.]

O REI GALLEGO
(Num salão do Escorial)

Cuco, o rei da perna tesa,
Que a miudo a taça emborca,
3 Diz á galante Maiorca:
4 «Não me cheiras bem, marquesa:
Lava-me essa côna, porca!»

5 – outubro, 913.

Esta quintilha em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABBAB.

668

[ADB, Ms. 542, pp. 56, 92.]

A ACCUSAÇÃO E A DEFESA

«Eu vos digo: é degradante,
 Senhor, que vos abaixeis
 A quem nunca trouxe anneis,
 Á minha serva! que amante!»

Á formosa interpellante,
 Ás suas vozes crueis,
 Eu, a flor dos menestreis,
 Respondi no mesmo instante:

10 «É sempre, vos digo eu,
 O mesmo episodio, uns ais,
 Só diverge o gynecêo.

«Puz-me, entre os cannaviaes,
 N'uma prêta, que me deu
 O prazer que vós me daes!»

22-X-915.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

669

[ADB, Ms. 544, p. 4.]

CRYPTINA

Dizia a pequena, em ais:

- «Tu tens tanta força, amigo!»
3 – «Ora! tu inda a tens mais,
Visto que podes commigo.»

Esta quadra em redondilha maior obedece a um esquema de rima cruzada.

670

[ADB, Ms. 544, pp. 54, 113, 114.]

N'UM HOTEL DUBIO

Uma idea vaga,
 2 Luz amortecida
 3 Vem-me, de corrida;
 4 Sópro; e não se apaga.

Olhe, Anselmo, traga,
 Além da comida,
 Droga, que bebida,
 8 Me afugente a praga.

– «Tenho, diz sincero,
 Boas ôstras cruas,
 E mais logo espero,
 12 Azas de perúas.»
 – «Nada d'isso quero:
 Traz-me moças nuas.»

17-VII-18.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha menor, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

671

[ADB, Ms. 544, p. 83.]

CRYPTINAS

I

IDILIO AURORA DE SECULO

- 1 Que mysterio o das mulheres!
- 2 Anjo d'amor, em que sonhas?
- 3 Meu casto esphinge, que queres?
- 4 Que desejas? – «Que te ponhas.»

Esta quadra em redondilha maior obedece a um esquema de rima cruzada.

[ADB, Ms. 544, p. 83.]

II
INGENUIDADE

Sentei-a nos joelhos á moda antiga.
E olhando-lhe o seu rôsto, suave e puro,
Perguntei-lhe: – «Estás bem, celeste amiga?»
– «Sim, mas que tens no bolso, que é tão duro?»

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 1.
1. Deve considerar-se uma sinérese em *joelhos*.

[ADB, Ms. 544, p. 83.]

III
POR GYMNASTICA

«Se me dou a quem me quer,
2 Não é por ódio á virtude:
É por causa da saude
4 Que adoptei este mistér,
Que adoptei esta gymnastica,
6 Que além de loiros sequins
Me dá tom, me faz elastica,
E mais valente dos rins.»

6. Cequim é uma antiga moeda de ouro, usada em Veneza até meados do século XVI.

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABBACDCD.

[ADB, Ms. 544, p. 84.]

IV
ENTRE AMIGAS

- 1 – «Oh Rosa, que manhã bella!
- 2 Vamos por ahi abaixo,
Em gericos?» – «Não, disse ella:
- 4 Do que eu preciso é d'um macho.»

Esta quadra em redondilha maior obedece a um esquema de rima cruzada.

[ADB, Ms. 544, p. 84.]

V

A RAINHA E O BARDO

- 1 – «Sou rainha, mas dou-me como as mais.»
- 2 – «E por quanto, por noite?» – «Mil dobrões.»
- 3 – «Nunca tive tal somma.» – «Então que daes?»
– «Quanto valeis, senhora: dez tostões.»

2. Dobrão é uma antiga moeda de ouro, com valor elevado. Em nota ao poema, João Penha esclarece que “mil dobrões” equivalia à quantia de vinte e quatro contos (vd. Aparato Crítico).

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

672

[ADB, Ms. 545, p. 144.]

CRYPTINA

- 1 – «Não quero ser mulher, senhor doutor;
Dê-me um remédio, se não quer que eu morra,
Um remédio qualquer, seja qual fôr.»
– «Só um lhe posso dar: a minha pôrra.»

28-VII-18.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 2.

2.2. Delfineidas



673

[ADB, Ms. 536, pp. 151-152, 190.]

ORA TOMA...
(Para o *Reporter*)

Vens-me tão pôdre, meu vate!
 Por ventura andas doente?
 Toma sôpa de tomate,
 Arroz doce, leite quente!

So te vejo pelle e ossos!
 Teu bello rosto definha!
 Toma Lourdes, padre-nossos,
 Toma caldo de gallinha!

10 Tinhas na voz os assentos
 Da lyra d'um asno hiante;
 Agora, os tristes lamentos
 D'um poetastro agonisante!

Ai de ti, mísero vate!
 É teu fim que se avisinha
 Toma Lourdes e tomate,
 Toma caldo de gallinha!

Mas não chores! quantas vezes
 Se não cura uma molestia!
 Deixa os ais, que são burgueses:
 Surge, bardo! Surge, bestia!

Manda á fava os alveitares:
 Toma caca de meninos;
 E se inda assim não sarares,
 Toma-a então de alexandrinos.

Título. Este epigrama (que não chegou a figurar nas páginas d'O *Reporter*) integra-se numa acesa polémica que João Penha esgrimiou com o jovem Delfim de Brito Guimarães (*1872 †1933), a propósito dos alexandrinos irregulares da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. A este propósito, vd. o Arquivo documental III, no Aparato Crítico do poema n.º 124.

20. Alude à expressão latina que Fr. Bartolomeu dos Mártires mandou inscrever à cabeceira de sua cama, no Convento de Viana do Castelo. Trad.: "Levanta-te, animal!"

Este poema é constituído por seis quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

674

[ADB, Ms. 536, p. 153.]

A AZÊMOLA

- 1 – «Oh! Consente que me espante:
- 2 «Tu, montado n'um rossim!
- 3 «É Bayard ou Rocinante?»
– «É esta cousa: É Delfim!»

Título. Este epigrama foi suscitado por uma acesa polémica que João Penha esgrimiou com Delfim de Brito Guimarães (*1872 †1933), a propósito dos dodecassílabos da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. A este propósito, vd. o Arquivo documental III, no Aparato Crítico do poema n.º 124.

3. Refere-se a dois cavalos lendários: Bayard (o corcel do ciclo carolíngio, que transportou os quatro filhos de Aymon de Dordone) e Rocinante (ginete de Dom Quixote, na obra de Cervantes).

Esta quadra em redondilha maior obedece a um esquema de rima cruzada.

675

[ADB, Ms. 536, p. 154.]

MADRIGAL (*)

Cahiu Delfim d'um jumento,
 E deu-lhe tremenda sova,
 Sem ter pena dos seus ais.
 Gritei-lhe então: «Toma assento!
 «Deus o diz, deus o reprova:
 «Ninguem mate os seus eguaes.»

(*) Delfim de Brito Guimarães.

Título. Este epigrama foi suscitado por uma acesa polémica que João Penha esgrimiou com Delfim de Brito Guimarães (*1872 †1933), a propósito dos dodecassílabos da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. A este propósito, vd. o Arquivo documental III, no Aparato Crítico do poema n.º 124.

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABCABC.

676

[ADB, Ms. 536, p. 155.]

COLOQUIO

– «Responde-me (eu lhe disse em seu jardim)
«Qual é o teu ideal, sendo tão bella?»
Respondeu: «Ser amada do Delfim.»
Vi então que era burra, e puz-me nella.»

Título. Este epigrama foi suscitado por uma acesa polémica que João Penha esgrimiou com Delfim de Brito Guimarães (*1872 †1933), a propósito dos dodecassílabos da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. A este propósito, vd. o Arquivo documental III, no Aparato Crítico do poema n.º 124.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

677

[ADB, Ms. 536, p. 156.]

AQUELLA COUSA

- 1 – Tem estrume que me venda
 (Perguntava um lavrador
 Ao meu vizinho da tenda)
- 4 Que seja bom? – «Sim, senhor:
 5 Quer proval-o?» – «Quero, sim.»
- 6 – «Prove-o e veja se me gabo.»
 – «É poesia do Delfim:
 Ora metta-ma no rabo!»

Título. Este epigrama foi suscitado por uma acesa polémica que João Penha esgrimiou com Delfim de Brito Guimarães (*1872 †1933), a propósito dos dodecassílabos da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. A este propósito, vd. o Arquivo documental III, no Aparato Crítico do poema n.º 124.

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABABCDCD.

678

[ADB, Ms. 536, p. 156.]

EPITAPHIO

Repousa aqui neste sepulcro frio
Um homem feito com esméro ao tórno:
Foi bom poeta na epoca do cio,
Depois casou, foi deputado e côrno.

Título. Este epigrama foi suscitado por uma acesa polémica que João Penha esgrimiou com Delfim de Brito Guimarães (*1872 †1933), a propósito dos dodecassílabos da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. A este propósito, vd. o Arquivo documental III, no Aparato Crítico do poema n.º 124.

4. O jovem poeta nunca chegou a ser deputado, dedicando-se antes ao ramo administrativo e bibliófilo, nomeadamente como fundador da atual Guimarães Editores.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo sáfico, mas é heroico o v. 3.

679

[ADB, Ms. 536, pp. 164-166.]

O TRISTE
(Delfineida)

- 1 Delfim, o das necessidades,
Que triste face que tem!
São saudades,
São saudades,
- 5 São saudades do seu bem.

Em burgos, villas, cidades,
Ninguem mais triste, ninguem!
São saudades,
São saudades,
- 10 São saudades do seu bem.
- 11 Na mais bella das edades,
Ja nem gôsto ao fado tem!
São saudades,
São saudades,
- 15 São saudades do seu bem.

Bella entre as outras beldades,
- 17 Era um liz, uma cecem.
São saudades,
São saudades,
- 20 São saudades do seu bem.
- 21 Viu-a através d'umas grades
No Poço de Borratem.
São saudades,
São saudades,
- 25 São saudades do seu bem.

Título. Este epigrama foi suscitado por uma acesa polémica que João Penha esgrimiou com Delfim de Brito Guimarães (*1872 †1933), a propósito dos dodecassílabos da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. A este propósito, vd. o Arquivo documental III, no Aparato Crítico do poema n.º 124.

22. Refere-se a um conhecido ponto de recolha de água, junto ao Martim Moniz, em Lisboa.

Disse-lhe: «Oh anjo não brades:
Vem dormir commigo, vem!»
São saudades,
São saudades,
30 São saudades do seu bem.

Disse-lhe ella: «Não me enfades,
32 Que não passas d'um pelém.
São saudades,
São saudades,
35 São saudades do seu bem.

«Antes ser moça de frades,
Antes não ser de ninguem!»
São saudades,
39 São saudades,
40 São saudades do seu bem.

Desde então perdeu vaidades,
E nem gôsto ao fado tem!
São saudades,
44 São saudades,
São saudades do seu bem.

Este poema é composto por nove quintilhas, sob o esquema rimático ABAAB, que combinam versos heptassilábicos com o quebrado trissílabo.

680

[ADB, Ms. 536, p. 167.]

O CÃO

- Ladrava ao pobre Delfim,
 2 Que numa quelha parava,
 Um furibundo mastim,
 4 Que inda a mais se preparava.
 Disse-lhe eu: «Alto! pateta:
 Respeita um grande poeta,
 Um dos bons, nephelibata
 8 Que vive na grande Idea.»
 9 Disse-me o cão: – «Não me bata:
 10 Eu ladrei-lhe porque orneia.»

Título. Este epigrama foi suscitado por uma acesa polémica que João Penha esgrimiou com Delfim de Brito Guimarães (*1872 †1933), a propósito dos dodecassílabos da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. A este propósito, vd. o Arquivo documental III, no Aparato Crítico do poema n.º 124.

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABABCCDEDE.

681

[ADB, Ms. 536, p. 168.]

VAIDOSO

Eis uns versos do Delfim
No album da sua bella.
«Quando me vês, minha estrella,
«Quando me vês, coitadinha,
«Treme-te o sêssô, um pudim,
«Um manjar que est'alma advinha.
«Tremem-te as pandas mamócas
«Que entesam murchas pinocas!
«Se me vês, treme-te, em fim,
«O teu... (sonho d'êsta vida
11 «Que me traz a pôrra erguida!)
«O teu mimo: a passarinha!»

Título. Este epigrama foi suscitado por uma acesa polémica que João Penha esgrimiou com Delfim de Brito Guimarães (*1872 †1933), a propósito dos dodecassílabos da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. A este propósito, vd. o Arquivo documental III, no Aparato Crítico do poema n.º 124.

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABBACDDAEEC.

682

[BPMP, M-AF-1201(6).]

Adeus, pois, amigo Anthero:
E por lá, dias perfeitos!
De Lisboa nada quero.
Ao Delfim, os meus respeitos.

1. Dirige-se ao escritor Anthero de Figueiredo (*1866 †1953), amigo fiel de João Penha.

4. Refere-se ao poeta nefelibata Delfim de Brito Guimarães (*1872 †1933), com quem Penha manteve uma acirrada pendência. A este respeito, vd. o Arquivo documental III, no Aparato Crítico do poema n.º 124.

Esta quadra em redondilha maior obedece a um esquema de rima cruzada.

2.3. Outros epigramas polemísticos



683

[ADB, Ms. 544, p. 82.]

ASINÎPES
(Epigramma)

«A patifes assim não se dá fé.
Avisei-te, cautela: esse casmurro,
Se servido se vir, passa-te o pé:
O pé, não, mas a pata, porque é burro.»

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

684

[ADB, Ms. 545, p. 124.]

UM ARISTARCHO POETA

- O João de Barros dizia
2 Que o mistêr de sapateiro
3 Era o mais baixo e grosseiro,
De quantos no mundo havia.
- 5 O chronista não previa,
6 Tirando do seu tinteiro,
Aquelle assêrto grosseiro,
Que no mundo surgiria,
- 9 Em longes eras remotas,
10 Um poetastro, um zote, um mômo,
Que entre os seus compatriotas,
- 12 Teria menos abôno!
Chamam-lhe uns o borra-botas,
14 Outros, microbio do somno.

Título. A alusão ao filólogo alexandrino Aristarco de Samotrácia (*ca. 215 †ca.145 a.C) – que ficou célebre pela severidade dos seus comentários literários – surge na sequência da implacável crítica que João de Barros (*1881 †1960) publicou na *Resistencia*, atacando os méritos literários de João Penha. A este propósito, vd. o Arquivo documental II, no Aparato Crítico do n.º 740.

1. Refere-se ao cronista João de Barros (*ca. 1496 †1570), que na apologia à *Década IV* alude ao conhecido episódio do sapateiro e do pintor, que está na origem do provérbio “Não vá o sapateiro além da chinela”.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

685

[ADB, Ms. 545, p. 125.]

AO MESMO

Isso que escreves a esmo
 E que tu chamas farpões,
 É albarda que em ti pões,
 Para eu montar em ti mesmo.

Com essa estranha facundia,
 Supplantas, vate supino,
 Em versos o Rosalino,
 Em prosa o Mendes Enxundia!

Título. Este epigrama foi suscitado por um violento artigo que João de Barros (*1881 †1960) publicou na *Resistencia*, atacando os méritos literários de João Penha. A este propósito, vd. o Aparato genético do n.º 684 e o Arquivo documental II no Aparato Crítico do n.º 740.

7. Refere-se ao célebre boémio Rosalino Cândido de Sampaio e Brito, que compôs versos galhofeiros na Coimbra do último quartel do séc. XIX.

8. Alude ao comediógrafo e poeta popular António Xavier Ferreira de Azevedo (*1784 †1814), autor da conhecidíssima comédia *Manuel Mendes Enxúndia*.

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

3. Semiprivados (ou divulgados fora da supervisão do autor)



3.1. Epigramas académicos



686

[*O Zabumba*. N.º 1-2 (1870), p. 1.]

- 1 Tamagnini Encarnação
- 2 Tens na ponta do nariz
O colorido feliz
- 4 D'uma rosa do Japão.

1. Refere-se a Aurélio Barbosa Tamagnini da Encarnação, condiscípulo de João Penha na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (vd. o Aparato Crítico).

Este poema é composto por uma quadra em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

687

[*O Zabumba*. N.º 1-2 (1870), p. 1.]

O NOBREGA

- 1 Vede-o alli tão grave e só!
- 2 No seu lugar, posto alli
- 3 É como sobre um cipo
- 4 Um padre mestre saguy.

Título. Este epigrama, que João Penha compôs enquanto estudante da Universidade, refere-se, segundo Gonçalves Crespo, a um padre coimbrão de aparência disforme.

4. Sagui é uma espécie de macacos de pequeno porte.

Este poema é composto por uma quadra em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

688

[*O Zabumba*. N.º 1-2 (1870), p. 1.]

Aquella pessoa benta
Do Cardoso Vasconcellos
Ate na propria sebenta
Nos vende os sacros farellos.

2. Deverá referir-se a António Cardoso Pinto de Vasconcelos, condiscípulo de João Penha na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Este poema é composto por uma quadra em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

689

[*O Zabumba*. N.º 1-2 (1870), p. 1.]

- 1 O Marques Coelho é homem,
- 2 E mesmo feito a capricho,
Embora muitos o tomem
- 4 Por outra especie de bicho.

1. Refere-se a José Narciso Marques Coelho, condiscípulo de João Penha na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Este poema é composto por uma quadra em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

690

[O *Zabumba*. N.º 1-2 (1870), p. 1.]

- 1 O Moraes, um pulso forte,
- 2 Um guerreiro antigo, um cabo,
- 3 Chamou a terreiro a *Morte*
- 4 E deu-lhe um coice no rabo.

2. Refere-se a Manuel José Alves de Moraes, condiscípulo de João Penha na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e autor do livro *Morte à Morte: Estudo sobre Educação Popular* (Coimbra: [s.n.], 1869). A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

Este poema é composto por uma quadra em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

[*O Zabumba*. N.º 3-4 (1870), p. 1.]

- 1 «Ó Cerveira, és tão bonito!...»
Dizia-lhe o astuto Peres.
- 3 E acrescentava contrito:
- 4 «Quanto detesto as mulheres!»

2. Refere-se a dois contemporâneos de João Penha, na Universidade de Coimbra: José Xavier Cerveira Sousa e Victorino Peres Furtado Galvão Alves.

Este poema é composto por uma quadra em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

692

[O *Zabumba*. N.º 3-4 (1870), p. 1.]

3 O Junqueiro, o nosso poeta,
 Dá-nos a todos no gotto:
 Que será a ran completa,
 Sendo a larva um tal cagoto!*

* nota para os eruditos.
 A ran não é mais que o desinvol-
 vimento do peixe cagoto. A este
 também alguns sábios chamam
 peixe cabeçudo.

1. Refere-se ao poeta Abílio Manuel Guerra Junqueiro (*1850 †1923), companheiro de João Penha na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Este poema é composto por uma quadra em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

693

[*O Zabumba*. N.º 3-4 (1870), p. 1.]

- 1 Tojeiro, que vens do tojo,
Diz-me lá: o Mascarenhas
Não comportará no bojo
Uma duzia de Joões Penhas?

1-2. Refere-se a dois discípulos de João Penha, na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra: Manuel da Silva Tojeiro Guimarães Júnior e Arsénio Augusto Torres de Mascarenhas.

Este poema é composto por uma quadra em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

694

[*O Zabumba*. N.º 3-4 (1870), p. 1.]

DUVIDAS

- 1 Neste caso desatino,
- 2 Elle é Lárcher ou Larchér?
- 3 Elle é homem ou menino?
- 4 Elle é menino ou mulher?

1. Refere-se a Alberto de Sousa Larcher, condiscípulo de João Penha na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (vd. o Aparato Crítico).

Este poema é composto por uma quadra em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

695

[*O Zabumba*. N.º 3-4 (1870), p. 1.]

RECEITA

- 1 Dissolvi toicinho cru,
- 2 Deitae-lhe feijões e broculos,
E tereis completo e nu
O nosso Feijó dos oculos.

4. Refere-se a José Joaquim de Castro Feijó, condiscípulo de João Penha na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (vd. o Aparato Crítico).

Este poema é composto por uma quadra em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

696

[*O Zabumba*. N.º 3-4 (1870), p. 1.]

O GIGANTE

- Debaixo da negra capa
2 E pendente d'uma corda,
O que leva o padre Lapa?
4 Leva o Roza e o João Taborda.

4. Refere-se a dois condiscípulos de João Penha, na Universidade de Coimbra: António Antão da Silva Rosa e João Taborda de Magalhães.

Este poema é composto por uma quadra em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

697

[*O Zabumba*. N.º 5 (1870), p. 1.]

CAÇADA

Andava o Antonio Maria
A caçar em densa matta,
Quando o galgo que o seguia
Fareja, escuta, ergue a pata.

- 5 – «Eh la! meu valente arrojo!
6 «Avança, meu filho, agarra!» *
Eis que do meio do tojo
Se levanta o Netto Parra.

* O Antonio Maria contesta a paternidade ao galgo. O seu a seu dono.

1, 8. Refere-se a dois discípulos de João Penha na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra: António Maria Pina d'Azevedo Castel-Branco e José Manuel Netto Parra.

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

698

[O *Zabumba*. N.º 5 (1870), p. 1.]

PREGÃO

- 1 Bradava um homem na leira:
 – «Ha por ahi algum que merque
 3 Vassoiras da bigodeira
 4 Do Bernardo d'Albuquerque?» *

* Este Albuquerque não é o digno lente de D.º Romano, mas o estudante do 3.º anno juridico. Uma couza é Napoleão 1.º outra Napoleão 3.º.

4. Refere-se ao viseense Bernardo d'Albuquerque, condiscípulo de João Penha na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Este poema é composto por uma quadra em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

2. Deve considerar-se uma sinérese em *ahi*.

699

[*A Gaita de Foles*. N.º 1 (1871), p. 1.]

O PHANTASMA

O Diniz é: mais sombrio
2 Na tristeza que o reveste,
Do que um funebre cypreste
4 Do cemiterio do pio.
Vede-lhe o aspecto doentio!
Vão-lhe os olhos divinos
Com seus clarões sybillinos!
Não nos espanta que o tomem
Por um triste lubiz homem!
Por um papão de mininos.

1. Deverá referir-se a José Mendes Diniz, bibliotecário da Universidade de Coimbra.

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABBAACDDC.

6. Deve considerar-se uma diálise em *Vão-lhe os*

700

[António Manuel Couto Viana, “Guerra Junqueiro em Viana”
in AA.VV., *Os Vencidos da Vida*, Lisboa: [s.n.], 1989, p. 85.]

Em Freixo de Espada à Cinta
Nasceu um novo Camões:
Sua mãe, D. Jacinta,
Negociava em melões.

1-2. Refere-se ao poeta Abílio Manuel Guerra Junqueiro (*1850 †1923), companheiro de João Penha na Universidade de Coimbra. A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

3.1.1. Atos e provas



701

[*O Zabumba*. N.º 5 (1870), p. 1.]

ELOQUENCIA

- 1 Tamagnini falou tanto,
- 2 Foi tão lindo o seu trabalho,
Que logrou causar espanto
- 4 Ao proprio Moraes Carvalho.

1, 4. Refere-se a dois condiscípulos de João Penha na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra: Aurélio Barbosa Tamagnini da Encarnação e Alberto António de Moraes Carvalho Júnior.

Este poema é composto por uma quadra em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

[Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença*. Fasc. IV (1878), p. 63.]

- 1 A letra dos teus assumptos
- 2 Bem nos demonstra quem és,
- 3 Vale dous *nn* bem juntos,
- 4 É letra de quatro pés.

1. Refere-se a um discípulo de João Penha em Coimbra, José Joaquim Borges d’Azevedo Ennes. Sobre os contextos que rodearam este epigrama, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

Este poema é composto por uma quadra em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

703

[ADB, Ms. 538, p. 17.]

LAMBAÇA
(quadra antiga)

- 1 De pé, em face do Brito,
- 2 Dá lição Pinto Lambaça:
- 3 Parece a voz do infinito
- 4 A sahir d'uma cabaça.

Título. Refere-se à alcunha coimbrã de José Joaquim Pinto, um condiscípulo de Penha que se evidenciava pela gravidade do poderoso vozeirão. Sobre o contexto de composição deste epigrama, vd. o Arquivo documental (no Aparato Crítico). A propósito da alcunha, leia-se também o Arquivo documental do poema n.º 553.

1. Trata-se do Doutor Joaquim Maria Rodrigues de Brito (*1822 †1873), lente de Filosofia do Direito, na Universidade de Coimbra. Para esta personagem, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do poema n.º 245.

Este poema é composto por uma quadra em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

[Trindade Coelho, *In illo Tempore*, Lisboa: Aillaud & C.^a, 1902, p. 362.]

Moraes Carvalho, palavra,
Exhala tanta poesia
Tua formosa oração,
Que parece obra da lavra
Da Musa que te alumia:
– D. Guiomar Torrezão!

1. Refere-se a Alberto António de Moraes Carvalho Júnior, condiscípulo de João Penha na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico. Vd. também o poema n.º 705.

6. Trata-se da escritora e diretora de publicações, Guiomar Delfina de Noronha Torrezão (*1844 †1898).

Esta sextilha em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABCABC.

705

[António Cabral, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, p. 258.]

Que bonitos pensamentos!
Que eloquentes orações!
Mas fala o Moraes Carvalho,
Ou préga o padre Simões?...

3. Refere-se a Alberto António de Moraes Carvalho Júnior, condiscípulo de João Penha na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico. Vd. também o poema n.º 704.

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABCB.

3.1.2. Duelo com Guerra Junqueiro



706

[Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença*. Fasc. IV (1878), p. 59.]

Iam caminho de Cintra,
 Montados num só jumento,
 Um vate e um dandy pelintra,
 Soltando canções ao vento.

Pára o burro; é como chumbo;
 Diz-lhe o bardo: «ó gambias pôdres!»
 Responde o triste: «succumbo
 Sob o pezo de taes ôdres.»

1. Refere-se a uma expedição a Sintra que Abílio Manuel Guerra Junqueiro (*1850 †1923) e João de Sousa Araújo (*1848 †1931) empreenderam em 1873, depois de se encontrarem com Alexandre Herculano, em Vale de Lobos. Este poema insere-se num célebre duelo rimado entre Penha e Junqueiro, na taberna coimbrã do Homem do Gás. Sobre o contexto que rodeou a sua composição, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

[Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença*. Fasc. IV (1878), p. 59.]

- 1 Junqueiro, que vens de junco,
 Tu que és passaro bisnú,
 Não abres o bico adunco?
 Pois não me sentiste o páu?

1. Este poema insere-se num célebre duelo rimado entre João Penha e Guerra Junqueiro, na taberna coimbrã do Homem do Gás. Sobre o contexto que rodeou a sua composição, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 706.

Esta quadra em redondilha maior obedece a um esquema de rima cruzada.

708

[Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença*. Fasc. IV (1878), p. 59.]

Afinaste a veia chata,
Bebeste o copo de um borco,
E a cidade estupefacta
4 Ouvia o grunhir de um porco.

1. Este poema insere-se num célebre duelo rimado entre João Penha e Guerra Junqueiro, na taberna coimbrã do Homem do Gás. Sobre o contexto que rodeou a sua composição, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 706.

Esta quadra em redondilha maior obedece a um esquema de rima cruzada.

[Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença*. Fasc. IV (1878), p. 59.]

Acertou-te a pedra, e de arte
Que te fiz na testa um gallo,
E forcejas por vingar-te
Como se vinga um cavallo.

1. Este poema insere-se num célebre duelo rimado entre João Penha e Guerra Junqueiro, na taberna coimbrã do Homem do Gás. Sobre o contexto que rodeou a sua composição, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 706.

Esta quadra em redondilha maior obedece a um esquema de rima cruzada.

710

[Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença*. Fasc. IV (1878), p. 59.]

3 Tinha ha muito um realejo,
 Só me faltava um macaco,
 Hoje tenho o que desejo,
 Heide mostrar-te a pataco...

1. Este poema insere-se num célebre duelo rimado entre João Penha e Guerra Junqueiro, na taberna coimbrã do Homem do Gás. Sobre o contexto que rodeou a sua composição, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 706.

Esta quadra em redondilha maior obedece a um esquema de rima cruzada.

3.1.3. Outros poemas coimbrões



711

[António Cabral, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, p. 259.]

Foi um incendio voraz!
 Lembrava tanto Gomorrha,
 Que o proprio Adrião Forjaz
 4 Disse á familia «porra»!

1. Sobre o contexto que ditou a composição, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

3. Refere-se ao catedrático, decano e diretor da Faculdade de Direito, Doutor Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Este poema é composto por uma quadra em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

[Trindade Coelho, *In illo Tempore*, Lisboa: Aillaud & C.^a, 1902, p. 315.]

Que musica tão bella!
Eriçam-se os cabellos!
Excede a charamela
Da sala dos capellos!

1. Refere-se a um dueto entoado durante a récita dos quintanistas, na Universidade de Coimbra. Sobre o contexto de produção, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

Esta quadra, composta em versos hexassilábicos, obedece a um esquema de rima cruzada.

713

[ADB, Ms. 540, p. 79.]

EPITAPHIO DO HOMEM DO GAZ

- 1 Eil-o aqui jaz, aqui jaz
- 2 N'esta humilde campa fria
- 3 O nosso velho rapaz!
Deus em sua gloria o tenha!
Era elle quem accendia
- 6 Inspirações em João Penha!
- 7 Deus em sua gloria o tenha!
- 8 N'esta humilde campa fria,
- 9 Eil-o aqui jaz, aqui jaz!

Título. Refere-se ao dono de uma das tabernas frequentadas por João Penha, em Coimbra. A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico. Veja-se também o texto editado no n.º 734.

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABACBCCBA.

[ADB, Ms. 541, pp. 48-49.]

QUADRAS

- Eis-nos de novo reunidos
2 Na nossa velha cidade,
Mas quanto dos tempos idos
4 Aqui nos punge a saudade,

5 Ao vermo-nos graves, sérios,
6 Com figuras de doutores,
7 Onde sonhamos imperios,
8 Onde tivemos amores!

9 Mas, é de gôzo este dia,
10 Fique a dôr para amanhã.
11 Como o Filinto dizia,
12 Deitemos fóra uma cã,

13 E todos, de taça erguida,
14 Em larga expansão fraterna,
Saudemos ainda a vida
16 Por mundos em fóra, eterna!

(*) Para o menu do banquete do curso de 1873, realizado em Coimbra, em 1903. A esse curso pertenceu o autor.

Título. João Penha compôs o poema para figurar na ementa de um banquete comemorativo do trigésimo aniversário de formatura. A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

11-12. Esta expressão equivale a dizer: “façamos alguma coisa que nos remoce” ou “divirtamo-nos”. Parece confundir-se aqui a referência a Correia Garção, que emprega a frase, na cena XVI do drama “Assembleia ou Partida” e na epístola “Se não te enjoas de comer sem pompa”.

Este poema é composto por quatro quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

3.2. Epigramas vários



715

[*O Estado de S. Paulo*. N.º de 8 de junho de 1903, p. 2.]

As duas meninas pandegas
São como as mercadorias
Que se vendem nas alfândegas
4 Em leilão... por avarias.

1. Sobre o contexto que ditou a composição deste epigrama, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

716

[*Novidades*. Ano XXVII, n.º 8416 (21 de fevereiro de 1912, p. 1.)

Esse Antão, segundo dizes,
É garoto de assobio!
Mas cautela! não lhe pises
O rabo de cão vadio.

Bem sei que nada receia
Esse teu punho: um cipó;
Mas ao burro que escouceia
O que se lhe diz é: chó.

1. Este poema foi enviado ao magistrado José Joaquim Pinto Lambaça, na sequência de um panfleto que este publicara contra o seu substituto, Dr. Antão. Na origem da polémica, estava o afastamento compulsivo do antigo juiz da Régua. Vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

6. Sobre a robustez física deste antigo companheiro de João Penha, vd. os poemas n.ºs 553 e 610.

Este poema é composto por sete quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

717

[*Almanaque Ilustrado de "O Commercio do Lima"*. Ano V (1923), p. 42.]

AMORES!
(Resposta)

Amores! Sangue de Christo!
Isso, amigo, já vae longe...
Comtudo, repara n'isto:
«A veste não faz o monge».

Muitos, vá! Um só, cautella!
Dous n'uma só carne? engôdo!
A liberdade é tão bella:
«Boi solto lambe-se todo».

Título. Este poema privado foi impresso a título póstumo, por José Machado. Sobre o contexto que rodeou a sua composição, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

Este poema é composto por sete quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

ÍNDICE ALFABÉTICO
DE PRIMEIROS VERSOS

	N.º
A foda, a luxúria,	656
A hypocrisia impera no universo!	609
A letra dos teus assumptos	702
A mulher!... tremendo esphinge!	531
A patifes assim não se dá fé.	683
Á porta da sua amada,	531
Acertou-te a pedra, e de arte	709
Adeus, pois, amigo Anthero:	682
Afinaste a veia chata,	708
Agarrei-a, á simploria rapariga,	658
Amor, como eu o sinto, e como o entendo,	619
Amores! Sangue de Christo!	717
Andas á cata d'amores	575
Andava o Antonio Maria	697
Aquella pessoa benta	688
Aquelle mal subitaneo,	537
Aquelles grandes passeios	531
As doces illusões, que eu tanto amava,	532
As duas meninas pandegas	715
Ás outras causas inveja:	600
Assim como na tela encantadora	556
Bato á porta, muita vez,	620
Bella Rosinha, anda cá:	613
Bradava um homem na leira:	698
Cahiu Delfim d'um jumento,	675
Chamam-te os dandys leôa.	663
Chamares-me cão maldito,	583
Chora neve o ceu nublado:	655
Collossal, na penumbra do passado,	564
Com ceu azul ou tormenta,	650
Com desdenhoso sorriso,	618
Como já não longe avisto	633
Conversavam a sós. – «Diz: qual preferes	558
Cuco, o rei da perna tesa,	667
De gallinha não sahe pata;	623

	N.º
De pé, em face do Brito,	703
De teus olhos tentadores,	605
Debaixo da negra capa	696
Decorre este episodio que divulgo,	639
Deixa lá essa begonia,	560
Delfim, o das necesdades,	679
Dissolvi toicinho cru,	695
Dizem todos os jornaes	615
Dizia a pequena, em ais:	669
Dizia-me a bella Agláis:	545
E dando fim á cantiga	531
E demais, escuta bem,	639
É uma regra notoria:	643
Eil-o aqui jaz, aqui jaz	713
Eil-o aqui o heroe facundo!	536
Eis o que eu n'uma sala te diria,	591
Eis uns versos do Delfim	681
Eis-nos de novo reunidos	714
Ella é gentil como a aurora;	598
Ella julga uma desfeita	580
Em Freixo de Espada à Cinta	700
Em tudo, amigo, me espantas:	626
Emquanto Emma, de cima da janella,	661
Ente divino, oh casta formosura,	567
Entre a mesma papelada,	630
Era ardente como a lava	571
Era hespanhola, e vendo-a subjugada,	657
Era muito coquette, e muito dada.	546
Era um bardo instrumentista	542
Era uma noite de junho	531
Era, nas fórmas, completa,	635
Esse Antão, segundo dizes,	716
Esses teus novos poemas,	611
Eu andava a procurar-te,	572
Eu bem conheço as mulheres,	631

	N.º
Eu n'este dia de festa	582
Eu não posso dizer-te, Zuzurinha,	590
Eu vi-te, oh minha amada,	535
Eu vos digo: é degradante,	668
Falta-me toda a rhetórica,.....	603
Faltou-te um sêllo, Espregueira,	660
Fi donc, Monsieur le mari!	554
Fiz do coração tinteiro,	608
Foge a aranha, a lêsma, o cão	645
Foi um incendio voraz!.....	711
Foi um viver semsabor	531
Foi-se-te a paz, a alegria.....	621
Fora atroz descortesia,.....	588
Fulminas! Não ha ninguem	568
Graças a ti, oh Mavorte,.....	632
Guia a carroça um machacaz valente,	662
Hindimburgo, que me dizes	638
Homem de Braga, que diz?	563
Iam caminho de Cintra,.....	706
Inda até agora não pude.....	629
Isso que escreves a esmo	685
Ja não me vejo ao espelho:	622
Ja perdi toda a esperança,.....	607
João Penha á Nathalia, a bella,	581
Junqueiro, que vens de junco,	07
Junto á sonora Castalia	577
Ladrava ao pobre Delfim,	680
Li com gaudio a tua carta.....	553
Mas depois quando o Chaga se viu só	531
Mon âme, pars dans ce pli,	593
Moraes Carvalho, palavra,	704
Mordia-lhe uma pulga os delicados	578
Mulher! eu vou partir a largos passos	533
Musa, a quem me preendi nos magicos enleios	531
N'este jardim da Europa, á beira-mar plantado	573

	N.º
Na frente acanhada, sem rugas, luzente,	531
Não ando nada bom; não sei que trago	543
Não és mulher d'água mórna,	544
Não faças versos, faz prosas,	574
Não ha na face da terra	649
Não me move, meu Deus, para querer-te	552
Não quero ser mulher, senhor doutor;	672
Não são, oh reis, em vosso desabôno	666
Não sei cantar de heróes, por mal seguro	551
Não sei se o caso é de pranto,	540
Não sou Magriço que uma dama afflicta	570
Não te finjas pesarosa,	569
Não te mando boas-festas,	586
Nasceu grave, e sempre grave	562
Nesse throno da elegancia	659
Neste caso desatino,	694
No seu negro esterquilinio	654
Nós ja não somos rapazes,	639
O caso é muito vulgar,	648
O caso, que tu referes,	610
Ó Cerveira, és tão bonito!... ..	691
O corpo, sim, morreu: mas insepulta	549
O Diniz é: mais sombrio	699
O homem, pobre diabo incongruente,	94
O João de Barros dizia	684
O Junqueiro, o nosso poeta,	692
O Marques Coelho é homem,	689
O Moraes, um pulso forte,	690
O que ha de ser o seculo futuro?	548
Oh Rosa, que manhã bella!	671
Oh Rosa, um cabello assim,	559
Oh! Consente que me espante:	674
Onde Ella móra não sei,	634
Os teus versos nem sequer	616
Para ti, oh flôr dilecta,	606

	N.º
Parece-me inda um sonho, um pesadêlo	614
Passo agora a existencia, noite e dia,	625
Pelo amor, que lhe consagras,	592
Pio, da Igreja columna,	579
Poeta de humor execravel,	541
Por mais discursos que faça	604
Porque foges tu d'um velho,	640
Quando a alma, enamorada,	596
Quando esses teus olhos fito,	561
Quando virás ao meu quarto,	665
Quanto sou desgraçado! Na campina	534
Que bonitos pensamentos!	705
Que cousas de riso ou dó	555
Que é o mundo? Um necroterio,	646
Que foi soberba a sangria	538
Que musica tão bella!	712
Que mysterio o das mulheres!	671
Que te direi, n'uma quadra,	599
Que uma noite, de seis meses,	584
Repousa aqui neste sepulcro frio	678
Responde-me (eu lhe disse em seu jardim)	676
Sabes tu, risonha Helena,	641
Sahiu da sua habitual inercia	585
Santo Antonio de Lisboa	557
Se lá no eterno azul do ceu profundo,	566
Se me dou a quem me quer,	671
Se olhos tivessem as rosas,	574
Se um poeta decadente agora a visse!	539
Segundo Bento Spinoza	628
Seja o infeliz quem fôr, mulher querida,	565
Senhor! Lêde a petição	547
Senhora, tome sentido,	664
Sentado n'uma cáthedra d'espaldas,	550
Sentei-a nos joelhos á moda antiga.	671
Ser ou não ser, dizia pensativo	652

	N.º
Sim! Comparando as prosas e a poesia,	637
Snobb é termo de agora	636
Sou rainha, mas dou-me como as mais.	671
Sou um larapio, um malvado,	642
Tamagnini Encarnação	686
Tamagnini fallou tanto,	701
Tem estrume que me venda	677
Tem muito, muito de pomba,	602
Tens ainda pouca idade;	601
Tinha ha muito um realejo,	710
Toda a mulher se ri, quando medita	624
Toda virginal, em fôlha,	587
Todo aquelle que dissér	576
Todo aquelle que disser	589
Tojeiro, que vens do tojo,	693
Tu, oh Láis, não tens vergonha?	653
Um dos arcades, o abbade de Jazente,	651
Uma cousa é o ideal, o sonho,	647
Uma idea vaga,	670
Vê para onde vaes	644
Vede-o alli tão grave e só!	687
Venceste o Urso ladrão,	595
Venho dizer-te a verdade,	617
Vens-me tão pôdre, meu vate!	673
Vi-a nas danças do ádro,	627
Vivo agora mais jocundo	597
Vou partir para o Seixoso,	612